# OS LIVROS MALDITOS

JACQUES BERGIER

AUTOR DE O DESPERTAR DOS MÁGICOS

# OS LIVROS MALDITOS

## JACQUES BERGIER

Os livros de conteúdo prodigioso foram, sistematicamente, destruídos ao longo da História; outros tornaram-se inacessíveis ao público, graças ao método cifrado. É o caso do *Livro de Toth,* das *Estâncias de Dzyan,* do *manuscrito Voynich* e do *Excalibur,* o livro que leva à loucura quem o lê. E ainda, a *Dupla Hélice* de Watson, que abalou os sábios por causa das acusações nele contidas e pelo abalo que

causou nos alicerces do saber mundial.

São, sucessivamente, estudados por Jacques Bergier, autor de *O Despertar dos Mágicos,* nesta obra inédita, que examina, igualmente, o porquê das destruições maciças de obras esotéricas, como aconteceu quando do incêndio da biblioteca de Alexandria.

Uma conclusão se impõe: existe uma conspiração contra certo tipo de saber falsamente chamado oculto, uma conspiração que cobre todos os países e se efetiva em todas as épocas.

Quem queima os livros malditos?

enigmas e mistérios do
realismo fantástico

JACQUES BERGIER
Co-autor de *O Despertar dos Mágicos*

# OS LIVROS MALDITOS

Tradução de
RACHEL DE ANDRADE

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

OS LIVROS MALDITOS

*Título do original francês:*
LES LIVRES MAUDITS



*Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela*
HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.
*que se reserva a propriedade desta publicação*

*Capa de:*
Equipe HEMUS

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.
Rua da Glória, 314 — Tels.: 278-6872 e 279-0520
SÃO PAULO

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*

# PRÓLOGO

## OS HOMENS DE NEGRO

Parece fantástico imaginar que existe uma Santa Aliança contra o saber, uma organização para fazer desaparecer certos segredos. Entretanto, tal hipótese não é mais fantástica do que a da grande conspiração nazista. É que, somente agora, nos apercebemos até que ponto era perfeita a Ordem Negra, até que ponto seus filiados eram numerosos em todos os países do mundo, e até que ponto essa conspiração estava próxima do êxito.

É por isso que não podemos rejeitar, **a priori,** a hipótese de uma conspiração mais antiga.

O tema do livro maldito, que tem sido sistematicamente destruído ao longo da história, serviu de inspiração a muitos romancistas, H. P. Lovecraft, Sax Rohmer, Edgar Wallace. Entretanto, esse tema não é somente literário. Essa destruição sistemática existe em tal amplidão, que se pode perguntar se não é uma conspiração permanente que visa impedir o saber humano de desenvolver-se mais depressa. Coleridge estava persuadido que uma tal conspiração existia e chamava seus membros de "persons from Porlock". Esse nome lhe recordava a visita de um personagem vindo da cidade de Porlock e que o impedia de realizar um trabalho muito importante que iniciara.

Encontram-se traços dessa conspiração, tanto na história da China ou da Índia, quanto na do Ocidente. Dessa forma, pareceu-nos necessário reunir toda informação possível sobre certos livros malditos e sobre seus adversários.

Alguns exemplos precisos de livros malditos antes de tudo. Em 1885, o escritor Saint-Yves d'Alveydre recebeu uma ordem, sob pena de morte, de destruir sua última obra: "Missão da Índia na Europa e Missão da Europa na Ásia. A questão dos Mahatmas e sua solução".

Saint-Yves d'Alveydre obedeceu a essa ordem. Entretanto, um exemplar escapou da destruição e, a partir desse exemplar único, o editor Dorbon voltou a imprimir a obra, com tiragem limitada, em 1909. Ora, em 1940, desde sua entrada em França e em Paris, os alemães destruíram todos os exemplares dessa edição que puderam encontrar. É duvidoso que reste algum.

Em 1897, os herdeiros do escritor Stanislas de Guaita receberam ordem, sob pena de morte, de destruir quatro manuscritos inéditos do autor que versavam sobre magia negra, assim como todo seu arquivo. A ordem foi executada e não mais existem tais manuscritos.

Em 1933, os nazistas queimaram na Alemanha uma infinidade de exemplares do livro sobre os Rosa-Cruzes "Die Rosenkreuzer, Zur Geschichte einer Reformation".

Uma edição desse livro reapareceu em 1970, mas nada prova que realmente seja conforme o original.

Poderia multiplicar tais exemplos, mas podemos encontrar um número suficiente no curso deste livro.

Quem são os adversários desses livros malditos? Suponhamos a existência de um grupo ao qual chamarei



"Homens de negro". A idéia dessa denominação surgiu-me quando comecei a notar, em todas as conferências pró-Planeta e anti-Planeta, um grupo de homens vestidos de negro, de aspecto sinistro, sempre o mesmo. Penso que esses homens vestidos de negro são tão antigos como a civilização; creio que se pode citar entre seus membros o escritor francês Joseph de Maistre e Nicolau II da Rússia.

A meu ver, seu papel é impedir uma difusão mais rápida e mais compreensível do saber, difusão que conduziu à destruição civilizações passadas. Ao mesmo tempo que os traços dessas civilizações nos chegam, com eles nos vem, penso eu, uma tradição cujo princípio consiste na pretensão de que o saber pode ser terrivelmente perigoso. Os técnicos na conservação da magia e da alquimia juntam-se, ao que parece, a esse ponto de vista.

Pode-se constatar, também, que a ciência moderna admite, hoje, que se torna por vezes muito perigosa. Michel Magat, professor no Colégio de França, declarou recentemente numa obra coletiva sobre os armamentos modernos (Flammarion): "Talvez seja necessário admitir que toda ciência é maldita".

O grande matemático francês A. Grothendieck escreveu no primeiro número do boletim Survivre, a propósito dos possíveis efeitos da ciência: "A fortiori, se evocarmos a possibilidade de desaparição da humanidade nos próximos decênios (três bilhões de homens, três bilhões de anos de evolução biológica...), isto é muito gigantesco para ser concebível, é uma abstração absolutamente nula como conteúdo emotivo, impossível de se levar a sério. Luta-se por aumento de salário, pela liberdade de expressão; contra a seleção para a universidade, contra a burguesia, o alcoolismo, a pena de

morte, o câncer, o racismo — a rigor, contra a guerra do Vietnam ou contra qualquer guerra. Mas a aniquilação da vida sobre a Terra? Isto ultrapassa nosso entendimento, é um "irrealizável". Sente-se quase vergonha de falar disso, sente-se suspeito de procurar efeitos fáceis como recurso a um tema que, no entanto, é o mais antiefeito que podemos encontrar".

E ainda:

"Hoje que enfrentamos o perigo da extinção de toda a vida sobre a Terra, esse mesmo mecanismo irracional se opõe à realização desse perigo e às reações de defesa necessárias entre a maior parte de nós, aí compreendidas as elites intelectuais e científicas de todos os países. Pode-se, tão-somente, esperar que ele seja superado por alguns, através de um esforço extenuante e da tomada de consciência de tais mecanismos inibidores".

Depois deste texto ter sido escrito, recentemente, comecei a perceber nos congressos essa idéia de que as descobertas muito perigosas deviam ser censuradas ou suprimidas. Ao cabo de um ano, na reunião da "Associação inglesa para o avanço das ciências", foi citada como exemplo de uma descoberta a ser censurada, a possibilidade de as diversas variedades da espécie humana não serem igualmente inteligentes. Os sábios afirmavam que uma tal descoberta encorajaria o racismo em tais proporções, que seria preciso impedir a publicação disso por todos os meios. Podemos ver muitos sábios eminentes de nossos dias juntarem-se aos "Homens de Negro".

Percebeu-se, com efeito, que tais descobertas consideradas muito perigosas para serem reveladas, existem tanto nas ciências exatas, como nas ciências ditas falsas, isto é aquelas a que chamo de paraciências.



Mas, há muito tempo que a destruição sistemática de livros e documentos contendo descobertas perigosas tem sido praticada, antes ou no momento mesmo da publicação. E tem sido assim ao longo da história. E é isto que tentaremos demonstrar.

1

# O LIVRO DE TOTH

Sir Mortimer Wheeler, célebre arqueologista inglês, teria escrito: "A arqueologia não é uma ciência mas uma vindicta".

Em nenhuma parte, tal afirmação foi tão verdadeira como no domínio da arqueologia egípcia onde se afrontam, ferozmente, os arqueologistas românticos e os arqueologistas clássicos. Para os arqueologistas clássicos, a arqueologia egípcia não apresenta nenhum problema e pode perceber-se nela uma passagem contínua do neolítico a uma forma de civilização mais avançada, passagem que se efetuou da maneira mais natural. Para os arqueologistas românticos, ao contrário, e para os investigadores independentes que não participam do clã da arqueologia oficial, a antiguidade do Egito é muito mais importante, e os problemas sem resolução muito mais numerosos do que se possa imaginar. Entre esses adversários da arqueologia clássica egípcia, cito dois nomes: René Schwaller de Lubicz e C. Daly King. O primeiro nasceu em 1891 e morreu em 1961, escreveu **Aor, Adam, O homem vermelho** (edição particular, fora de comércio, 1925); **A chamada do fogo** (edição particular, fora de comércio); **Aor, sua vida, sua obra** (edição da Colombe, Paris, 1963); **O rei da teocracia**

**faraônica** (Paris, Flammarion, 1961); **O milagre egípcio** (Paris, Flammarion, 1963); **O templo do homem Apet do Sul em Lucsor** (depósito de Dervy, Paris, 1957, 3 vol.); **Estudo sobre esoterismo e simbolismo** (Paris, Colombe, 1960) e diversos artigos nos **Cahiers du Sud** em Marselha,, notadamente no número 358, Foi primeiro pintor, aluno de Matisse. Durante a Grande Guerra foi químico do exército, e a química conduziu-o à alquimia. Formou, então, um grupo batizado com o nome de Fraternidade dos Vigias. Faziam parte, notadamente, desse grupo, Henri de Régnier, Paul Fort, André Spire, Henri Barbusse, Vincent d'Indy, Antoine Bourdel, Fernand Léger e Georges Polti.

No interior desse grupo, um círculo esotérico fechado, os Irmãos da Ordem Mística da Ressurreição, estudava um certo número de problemas, entre eles o das civilizações desaparecidas. Schwaller de Lubicz, morando em Saint-Moritz e depois em Palma de Maiorca, e finalmente em Lucsor, estudou os segredos egípcios.

Um certo número de egiptólogos, como Alexandre Varille, reuniu-se a seu ponto de vista; outros, ao contrário, opuseram-se a êle, violentamente, e uma vindicta surgiu, que dura até hoje.

Quanto a C. Daly King, é um sábio inserido na linha mais oficial, psicólogo materialista, autor de três tratados clássicos utilizados nas escolas dos países anglo-saxões, **Beyond Behaviourism** (1927), **Integrative Psychology** (em colaboração com W. M. e H. E. H. Marston) (1931) e **The psychology of consciousness** (1932).

C. Daly King apresentou em 1946, em Yale, uma tese de doutoramento em física sobre fenômenos eletromagnéticos que aparecem durante o sono. Depois, estudou os estados superiores da consciência, estados que estão sempre mais despertados que quando se está acor-



dado normalmente, apresentando esse trabalho em outro livro clássico **The states of human consciousness** (University Books, NY, 1963).

Morreu quando corrigia as provas desse livro e quando preparava uma importante obra sobre as ciências do espírito no antigo Egito.[1]

O único ponto em comum, talvez, entre Schwaller de Lubicz e C. Daly King, é o nível elevado de seus conhecimentos científicos. Ora, esses dois espíritos tão diferentes se juntam em duas conclusões essenciais. Primeiro, a considerável antiguidade da civilização egípcia, mais ou menos 20.000 anos, talvez 40.000; por outro lado, o estado avançado dos conhecimentos do Egito antigo, tanto no que concerne ao universo exterior quanto ao espírito humano. Confrontemos esse ponto de vista com o da arqueologia oficial. De acordo com esta, há 6.000 anos os egípcios eram ainda membros de tribos selvagens. Um intérprete sério e reconhecido pelos arqueólogos oficiais, Leonard Cottrell, no livro **The Penguin book of lost worlds,** pág. 18, escreveu: "Alguma coisa aconteceu que, em tempo notadamente curto, transformou esse aglomerado de tribos semi-árabes que viviam às margens do Nilo, num estado civilizado que durou 3.000 anos. Quanto à natureza daquilo que teria ocorrido, não podemos senão tentar adivinhar. Mas as provas arqueológicas nos fornecem indícios vários e podemos esperar que descobertas futuras preencham tais lacunas".

Os arqueólogos românticos e os arqueólogos dissidentes vão contra isso dizendo que essa transformação brutal nunca se deu. Segundo eles, a civilização egípcia nada tem a ver com os primitivos que foram seus con-

(1) Dizem que foi o mesmo C. Daly King o autor de romances policiais traduzidos em França antes da guerra, na coleção Empreinte.

temporâneos, como os da Nova Guiné são, hoje, nossos contemporâneos. Segundo eles, as origens da civilização egípcia estão em alguma outra parte e não foram ali ainda encontradas.

A maior parte dos arqueólogos da África livre são dessa opinião, e alguns dentre eles pensam mesmo que os antigos egípcios eram negros, e que é preciso buscar na África as origens secretas do Egito.

É a partir desta hipótese de uma civilização pré-egípcia muito antiga que é preciso colocar-se para examinar o problema do **Livro de Toth.**

Toth é um personagem mitológico, mais deus que homem que, por todos os documentos egípcios que possuímos, precedeu o Egito. No instante do nascimento da civilização egípcia, os sacerdotes e os faraós tinham em seu poder o **Livro de Toth** constituído, provavelmente, de um rolo manuscrito ou de uma série de folhas que continham os segredos de diversos mundos e que davam poderes consideráveis aos seus detentores.

Em 2.500 a.C., os egípcios já escreviam e faziam livros. Esses livros eram escritos em papiro. A palavra bíblia, que quer dizer livro, deriva do nome do porto de Biblos, no Líbano, que era o principal porto de exportação de rolos de papiro. Na literatura egípcia de 2.500 a.C., já se encontram tratados científicos de medicina, textos religiosos, manuais e mesmo obras de ficção científica!

Em particular, a história das aventuras do faraó Snofru, pai de Quéops, é um verdadeiro romance de antecipação de invenções extraordinárias, de monstros e máquinas. Poderia ser publicado em nossos dias.

O **Livro de Toth** devia, pois, ser um papiro muito antigo, recopiado secretamente muitas vezes e cuja antiguidade remontaria a 10.000 ou talvez 20.000 anos.



Mas um objeto material não é de modo algum um símbolo.

Objeto material que se pode facilmente destruir no fogo. Vamos ver que foi exatamente isso que se deu.

Fixemo-nos primeiro no próprio Toth. É representado como um ser humano tendo a cabeça de um pássaro íbis. Tem na mão uma pluma e uma palheta dessa tinta que se usa para escrever sobre pergaminho. Seus dois outros símbolos são a Lua e o macaco. De acordo com a tradição mais antiga, ele inventou a escrita e serviu de secretário a todas as reuniões dos deuses.

Está associado à cidade de Hermópolis, da qual se sabe pouca coisa, e aos domínios subterrâneos dos quais se sabe menos ainda. Daqui por diante Toth será identificado com Hermes.

Transmitiu à humanidade a escrita, e escreveu um livro fundamental, esse famoso **Livro de Toth,** livro mais antigo entre os antigos, e que continha o segredo do poder ilimitado.

Uma primeira alusão a esse livro apareceu no papiro de Turis, decifrado e publicado em Paris, em 1868. Esse papiro descreve uma conspiração mágica contra o faraó, conspiração que visava destruí-lo através de feitiçarias, a ele e a seus principais conselheiros, por meio de estátuas de cera feitas de acordo com a imagem de cada um. A repressão foi atroz. Quarenta oficiais e seis altas damas da Corte foram condenados à morte e executados. Outros se suicidaram. O livro maldito de Toth foi queimado pela primeira vez.

Esse livro apareceu mais tarde na história do Egito, entre as mãos de Khanuas, filho de Ramsés II. Ele tinha o exemplar original escrito pelo próprio Toth e não por um escriba. De acordo com os documentos, este livro permitia ver o Sol face a face. Dava o poder sobre a

Terra, o oceano, os corpos celestes. Dava o poder de interpretar os meios secretos usados pelos animais para se comunicarem entre si. Permitia ressuscitar os mortos e agir à distância. Tudo isto nos é relatado nos livros egípcios da época.

Seguramente, um tal livro é um perigo insuportável. Khanuas queimou o original ou pretendeu fazê-lo. O mesmo texto, dizendo que esse livro foi destruído no fogo mas é indestrutível pois foi escrito com fogo, é contraditório. Mas essa "desaparição" não é senão provisória, se aconteceu. O livro reapareceu em inscrições sobre o monolito de Metternich, monumento que tem esse nome, pois foi oferta de Mohamad Ali Pacha a Metternich. Foi descoberto em 1828 e data de 360 a.C. Na escala da história egípcia é um documento moderno. Parece que ele protege contra mordidas de escorpião, virtude dificilmente verificável, pois os escorpiões são raros na Áustria. Esse monumento representa, em todo caso, mais de trezentos deuses, e entre eles os deuses dos planetas ao redor de estrelas — não invento nada, a maior parte dos decifradores modernos do monumento de Metternich dizem que ele interessaria a autores de ficção científica.

Toth, ele mesmo, anunciou sobre esse monumento, que queimou seu livro e que caçou o demônio Set e os sete senhores do mal.

Desta vez a questão parece regulada. No ano de 360 a.C. o **Livro de Toth** foi solenemente destruído. Mas, entretanto, a história somente começou. A partir de 300 a.C. viu-se o aparecimento de Toth identificado desta vez com Hermes Trismegisto, o fundador da alquimia. Todo mágico que se respeite, em particular na Alexandria, pretende possuir o **Livro de Toth,** mas nunca se viu aparecer o próprio livro: cada vez que



um mágico gloria-se de possui-lo, um acidente interrompe sua carreira.

Entre o começo do século I a.C. e o fim do século II d.C., numerosos livros apareceram e constituíram juntos o "Corpus Hermeticum". A partir do século V, tais textos são colecionados e se encontram aí referências ao **Livro de Toth,** mas nenhuma indicação precisa para encontrá-lo. Os textos mais célebres dessa série chamam-se: **Asclépio, Kore Kosmou** e **Poimandres.** Todos se referem ao Livro de Toth, mas nenhum o cita diretamente nem dá meios de consultá-lo.

O **Asclépio** fornece, entretanto, estranhas imagens de poder das civilizações desaparecidas:

"Nossos ancestrais descobriram a arte de criar os deuses. Fabricaram estátuas e como não soubessem criar as almas, chamaram os espíritos dos demônios e dos anjos e os introduziram graças ao mistério sagrado nas imagens dos deuses, de maneira que essas estátuas receberam o poder de exercer o bem e o mal".

Os deuses egípcios e o próprio Toth teriam sido, assim, criados.

Criados por quem? Isto não é dito. Pela grande civilização que precedeu o Egito.

Segundo o **Asclépio,** esses deuses estavam presentes e ativos, ainda, no tempo de Cristo: "Eles vivem numa grande cidade nas montanhas da Líbia, mas não direi mais nada".

Esse conjunto de escritos herméticos pode ser encontrado, publicado por Nock e Festugière, no "Corpus Hermeticum" (série Budé, Paris, 1945-54). Mesmo considerados mais próprios da ficção científica, tais textos excitam a imaginação. Santo Agostinho e numerosos outros teólogos e filósofos por eles se interessaram.

Certamente são esses textos que propagaram o

**Livro de Toth.** Este reapareceu com tanta freqüência do século V da era cristã até nossos dias, que podemos perguntar como foi reproduzido antes da invenção da imprensa e da fotografia. A inquisição queimou-o pelo menos umas trinta vezes e seria preciso um livro para enumerar os acidentes bizarros que acontecem àqueles que pretendem possuir o **Livro de Toth.**

Seja como for, nunca o vimos impresso ou reproduzido de qualquer maneira. Uma lenda estranha começou a circular desde o século XV. Segundo ela, a sociedade secreta que possuía o **Livro de Toth** vulgarizou um resumo dele, uma espécie de fichário acessível a todos. Esse fichário não é outro senão o famoso jogo de cartas. Encontramos tal idéia pela primeira vez, expressa com todas as letras, num livro de Antoine Court de Gébelin: "Le monde primitif". Court de Gébelin, homem de ciência, membro da Academia Real de La Rochelle, publicou essa obra em nove volumes, de 1773 a 1783. Pretendeu ter tido acesso a um antigo livro egípcio que teria escapado da destruição de Alexandria, e declarou a propósito desse livro: "Ele contém ensinos perfeitamente conservados sobre os assuntos mais interessantes. Esse livro do antigo Egito é o jogo de cartas — nós o temos nas cartas do baralho".

Essa passagem não me parece clara. O autor diz que já havia um jogo de cartas na biblioteca de Alexandria? Ou diz que um livro egípcio, escapado ao desastre de Alexandria, afirmava que o jogo de cartas era um fichário, um resumo dos ensinamentos do **Livro de Toth**?

Não sei. É certo que o jogo de cartas tem sido objeto, na época moderna em particular, de estudos interessantes, entre eles aquele que ficou infelizmente inédito, o do pintor contemporâneo Baskine.



Para ficarmos no domínio dos fatos, podemos notar que aparece o jogo de cartas, mais ou menos, em 1.100. Compreendia, e compreende ainda hoje 78 cartas, e diz-se comumente que o jogo de 52 cartas para jogar e o jogo que serve para ler a sorte derivam dele. É uma idéia recebida, falsa como a maior parte das idéias recebidas.

Na origem, essas cartas se chamavam nabi, palavra italiana que quer dizer profeta. Não se sabe a origem da palavra "tarot".

Pode-se manifestar o maior ceticismo diante da hipótese segundo a qual "tarô", pronúncia francesa da palavra "tarot", seria anagrama de orta ou "ordem do templo". Com os anagramas chega-se a não importa onde. É possível que os templários tenham possuído e recebido cartas de jogo, mas nada prova que eles as tenham propagado à volta deles. O bibliotecário da Instrução Pública, sob Napoleão III, Christian Pitois, disse em sua **História da Magia,** surgida em 1876, que os mais importantes segredos científicos do Egito, antes da destruição de sua civilização, estão gravados nas cartas, e que o essencial do **Livro de Toth** aí se encontra.

Aceito-o, mas gostaria de dados mais precisos, mais convincentes. Nos símbolos bastante vagos como as cartas, pode encontrar-se e efetivamente se encontra, não importa o que. Até nova ordem, pois esta história do **Livro de Toth** resumido pelas cartas me parece legendária.

No século XVIII, qualquer charlatão que se preza diz possuir o **Livro de Toth.** Nenhum o reproduziu e muitos foram mortos nas fogueiras da Inquisição por isto, até 1825; em 1825, com efeito, a Inquisição queimava ainda na Espanha.

No século XIX, como no XX, não faltaram char-

latães que pretenderam, igualmente, possuir o papiro ou o **Livro de Toth** (que acabou intervindo no célebre romance de Gaston Leroux, "A poltrona mal-assombrada").

Mas ninguém ousaria publicá-lo pois os acidentes acontecidos a esses possuidores foram numerosos.

Se existe, como creio e como este livro tenta prová-lo, uma associação internacional de Homens de Negro, ela deve ser contemporânea de mais antiga no Egito e exercer suas atividades desde então. Encontram-se referências sobre esse assunto em autores sérios como C. Daly King, que fez alusão a grupos contemporâneos possuidores e utilizadores dos segredos do **Livro de Toth.** C. Daly King pretendeu que Orage e Gurdjieff faziam parte de tais grupos. Não conheci Orage, mas conheci Gurdjieff que era um farsante.

Nesse ponto, em particular, a boa fé de C. Daly King pôde ser enganada. Escreveu, entretanto, que não se pode chegar à consciência superior, segundo o método egípcio, somente pelo trabalho pessoal e, segundo ele, efetuar uma tentativa dessa natureza sem estar dirigido é extremamente perigoso. Isto pode ter as conseqüências mais graves, principalmente causar ferimentos.

Sempre segundo ele, "somente uma organização de pessoas qualificadas e eficientes pode ensinar essa técnica, é somente no interior de uma tal organização que a disciplina apropriada pode ser aplicada. Eu advirto o leitor de maneira a mais séria para não tentar sozinho tais experiências. Entretanto, essa técnica constitui um meio prático para ativar a consciência humana".

Se uma tal organização existe, ela deve, necessariamente, possuir o **Livro de Toth** ou o que resta dele. E se os egípcios aplicaram ao papiro as mesmas técnicas



de conservação das múmias, não será absurdo pensar que um papiro tenha podido subsistir até o século XIX, quando então poderia ser fotografado. A menos que a organização em questão tenha conhecido a fotografia bem antes do século XIX, o que não é impossível.

Thurloe, o cunhado de Cromwell e chefe de sua polícia secreta, parece ter empregado em sua câmara escura uma técnica análoga à fotografia.

Pode-se decifrar esse texto? Voltamos à querela dos egiptólogos. Sax Rohmer escreveu a propósito dos egiptólogos oficiais: "Se puséssemos todos eles a ferver e se fosse destilado o líquido assim obtido, não se extrairia nem um micrograma de imaginação". Isto parece verdadeiro. Parece que houve, por volta de 1920, arqueólogos não-oficiais capazes, realmente, de traduzir hieróglifos. Schwaller de Lubicz teria recebido ensinamentos de tais especialistas. Se bem que, **a priori,** não se possa rejeitar a existência de um pequeno grupo, tão esperto em 1971 d.C. quanto o fora em 1971 a.C., que possuiria alguns elementos da ciência secreta.

Eis, segundo C. Daly King, um exemplo dessa ciência secreta: "No Egito, existiam verdadeiras escolas e a Grande Escola, a que ensinava nas pirâmides, era realmente séria. Sua especialidade era o conhecimento objetivo, real, do universo real. E uma das possibilidades dada aos estudantes era a de, com o auxílio de um curso cuidadosamente estudado, utilizar as funções naturais mais insuspeitáveis de seu próprio corpo para transformá-los, de seres sub-humanos que somos, em seres verdadeiros.

"A Grande Escola chegara a uma ciência que não possuímos: era a ciência da **óptica psicológica.** Tal ciência permitia estudar espelhos que não refletiam senão o que era mau num rosto que lhe era apresentado. Um

tal espelho se chamava **ankh-en-maat,** espelho da verdade. O candidato admitido na Grande Escola não via mais nada no espelho pois tinha-se purificado até a eliminação de tudo o que era mau nele. Um tal candidato chamava-se **Senhor do espelho puro.**

Tudo isto mostra um saber avançado. Mas é compreensível que alguns pensem que a humanidade não está pronta a receber estes conhecimentos, e que uma organização de Homens de Negro faça tudo para impedir a publicação do **Livro de Toth.**

Até hoje parece que ela o conseguiu plenamente.

Como não sei o que esse livro contém, é-me difícil emitir uma opinião. Receia-se que existam segredos realmente muito perigosos para serem conhecidos, e o da "óptica psicológica" me parece, realmente, fazer parte deles. Mas existem também supersticiosos e fanáticos.

Desses supersticiosos, e entre parênteses, assinalemos que foi feita uma estatística exata da duração média da vida de todos aqueles que participaram da abertura do túmulo de Tout Ankh Amon; em média, suas vidas foram mais longas que a de seus contemporâneos. Não admitamos sem verificação todas as histórias de túmulo maldito e de maldição do faraó. Mas o túmulo de Tout Ankh Amon foi inteiramente aberto.

De outro lado, um certo papiro egípcio que anuncia "o conhecimento de todos os segredos do céu e da terra" não descreve mais que a resolução de equações de primeiro grau... É possível que os adversários do **Livro de Toth** dramatizem por demais a situação.

É possível, igualmente, que eles tenham razão.

O que é certo é que, se existisse uma tradução do **Livro de Toth,** com provas e fotografia do texto original, qualquer editor hesitaria, sem dúvida, antes de publicá-lo. Mesmo eu.



## COMPLEMENTO AO CAPÍTULO I

### COMO NEFER-KA-PTAH ENCONTROU O LIVRO DE TOTH

Encontrei essa história ingênua, mas autêntica, no **The wisdom of the Egyptians,** de Brian Brown (New York, Brentano's, 1928), citado por Lin Carter numa antologia **Golden cities, far.**

O papiro egípcio de onde esta história foi extraída data mais ou menos de trinta e dois séculos.

Nefer-Ka-Ptha encontrou o vestígio do **Livro de Toth** graças a um sacerdote antigo. O livro era guardado por serpentes e escorpiões, e principalmente por uma serpente imortal. Estava fechado numa sucessão de recipientes encaixados, os quais estavam no fundo de um rio. Auxiliado por um mágico, sacerdote de Ísis, Nefer-Ka-Ptah apoderou-se da caixa graças a um engenho de soerguimento mágico. Cortou então a serpente imortal em duas, enterrou as duas metades na areia, longe bastante uma da outra para que elas não se pudessem juntar. Leu, então, a primeira página do livro e compreendeu o céu, a Terra, o abismo, as montanhas e o mar, a linguagem dos pássaros, dos peixes e dos animais. Leu a segunda página e viu o Sol brilhar no céu noturno e em volta do Sol grandes formas dos deuses.

Entrou em sua casa, procurou um papiro novo e uma garrafa de cerveja, escreveu as fórmulas secretas do **Livro de Toth** no papiro, lavou-as com cerveja e bebeu essa cerveja. Assim, todo o saber do grande mágico ficou nele.

Mas Toth voltou do país dos mortos e vingou-se terrivelmente. O filho de Nefer-Ka-Ptah, e depois o próprio Nefer-Ka-Ptah e sua mulher morreram. Foi enterrado com todas as honras devidas a um filho de rei e o livro secreto de Toth foi enterrado com ele.

Aparentemente não para sempre. Pois o **Livro de Toth** reapareceu através dos séculos. Uma lenda posterior diz que a múmia de Nefer-Ka-Ptah, com suas mãos cerradas em torno do **Livro de Toth,** foi encontrada por Apolônio de Tiana.



## 2

## O QUE FOI DESTRUÍDO EM ALEXANDRIA

A destruição da grande biblioteca de Alexandria foi rematada pelos árabes em 646 da era cristã. Mas essa destruição fora precedida de outras, e o furor com que essa fantástica coleção de saber foi aniquilada é particularmente significativo.

A biblioteca de Alexandria parece ter sido fundada por Ptolomeu I ou por Ptolomeu II. A cidade foi fundada, como seu próprio nome diz, por Alexandre, o Grande, entre 331 e 330 a.C. Escoou-se quase mil anos antes de a biblioteca ser destruída.

Alexandria foi, talvez, a primeira cidade do mundo totalmente construída em pedra, sem que se utilizasse nenhuma madeira. A biblioteca compreendia dez grandes salas, e quartos separados para os consultantes. Discute-se, ainda, a data de sua fundação e o nome de seu fundador, mas o verdadeiro fundador, no sentido de organizador e criador da biblioteca, e não simplesmente do rei que reinava ao tempo de seu surgimento, parece ter sido um personagem de nome Demétrios de Phalère.

Desde o começo, ele agrupou setecentos mil livros e continuou aumentando sempre esse número. Os livros eram comprados às expensas do rei.

Esse Demétrios de Phalère, nascido entre 354 e 348 a.C., parece ter conhecido Aristóteles. Apareceu em 324 a.C. como orador público, em 317 foi eleito governador de Atenas e governou-a durante dez anos, de 317 a 307 a.C.

Impôs um certo número de leis, notadamente uma, de redução do luxo nos funerais. Em seu tempo, Atenas contava 90.000 cidadãos, 45.000 estrangeiros e 400.000 escravos. No que concerne à própria figura de Demétrios, a História no-lo apresenta como um juiz de elegância em seu país; foi o primeiro ateniense a descolorir os cabelos, alourando-os com água oxigenada.

Depois foi banido de seu governo e partiu para Tebas. Lá escreveu um grande número de obras, uma com título estranho: **Sobre o feixe de luz no céu,** que é, provavelmente, a primeira obra sobre os discos voadores.

Em 297 a.C., o faraó Ptolomeu persuadiu Demétrios a instalar-se em Alexandria. Fundou, então, a biblioteca. Ptolomeu I morreu em 283 a.C. e seu filho Ptolomeu II exilou Demétrios em Busiris, no Egito. Lá, Demétrios foi mordido por uma serpente venenosa e morreu.

Demétrios tornou-se célebre no Egito como mecenas das ciências e das artes, em nome do Rei Ptolomeu I. Ptolomeu II continuou a interessar-se pela biblioteca e pelas ciências, sobretudo pela zoologia. Nomeou como bibliotecário a Zenodotus de Éfeso, nascido em 327 a.C., e do qual ignoram as circunstâncias e data da morte.

Depois disso, uma sucessão de bibliotecários, através dos séculos, aumentou a biblioteca, aí acumulando pergaminhos, papiros, gravuras e mesmo livros **impressos,** se formos crer em certas tradições. A biblioteca



continha portanto documentos inestimáveis. Colecionou, igualmente, documentos dos inimigos, notadamente de Roma.

Pela documentação de lá, poder-se-ia constituir uma lista bastante verossímil de todos os bibliotecários até 131 a.C.

| | de | A.C. | a |
|---|---|---|---|
| Demétrios de Phalère | — | ........ | 282 |
| Zenodotus de Éfeso | 282 | ........ | C. 260 |
| Callimachus de Cyréne | C. 260 | ........ | C. 240 |
| Apolonius de Rodes | C. 240 | ........ | C. 230 |
| Eratosthenes de Cyréne | C. 230 | ........ | 195 |
| Aristophanes de Bizancio | 195 | ........ | 180 |
| Apolonius, o Eidógrafo | 180 | ........ | C. 160 |
| Aristarco da Samocrácia | C. 160 | ........ | 131 |

Depois disso, as indicações se tornam vagas. Sabe-se que um bibliotecário se opôs, violentamente, à primeira pilhagem da biblioteca por Júlio César, no ano 47 a.C., mas a História não tem seu nome. O que é certo é que já na época de Júlio César a biblioteca de Alexandria tinha a reputação corrente de guardar livros secretos que davam poder praticamente ilimitado.

Quando Júlio César chegou a Alexandria a biblioteca tinha pelo menos setecentos mil manuscritos. Quais? E por que se começou a temer alguns deles?

Os documentos que sobreviveram dão-nos uma idéia precisa. Havia lá livros em grego. Evidentemente, tesouros: toda essa parte que nos falta da literatura grega clássica. Mas entre esses manuscritos não deveria aparentemente haver nada de perigoso.

Ao contrário, o conjunto de obras de Bérose é que poderia inquietar. Sacerdote babilônico refugiado na Grécia, Bérose nos deixou de um encontro o relato com os extraterrestres: os misteriosos Apkallus, seres seme-

lhantes a peixes, vivendo em escafandros e que teriam trazido aos homens os primeiros conhecimentos científicos.

Bérose viveu no tempo de Alexandre, o Grande, até a época de Ptolomeu I. Foi sacerdote de Bel-Marduk na Babilônia. Era historiador, astrólogo e astrônomo. Inventou o relógio de sol semicircular. Fez uma teoria dos conflitos entre os raios do Sol e da Lua que antecipa os trabalhos mais modernos sobre a interferência da luz. Podemos fixar as datas de sua vida em 356 a.C., nascimento, e 261, sua morte. Uma lenda contemporânea diz que a famosa Sybila, que profetizava, era sua filha.

A **História do Mundo** de Bérose, que descrevia seus primeiros contatos com os extraterrestres, foi perdida. Restam alguns fragmentos, mas a totalidade desta obra estava em Alexandria. Nela estavam todos os ensinamentos dos extraterrestres.

Encontrava-se em Alexandria, também, a obra completa de Manethon. Este, sacerdote e historiador egípcio, contemporâneo de Ptolomeu I e II, conhecera todos os segredos do Egito. Seu nome mesmo pode ser interpretado como "o amado de Toth" ou "detentor da verdade de Toth".

Era o homem que sabia tudo sobre o Egito, lia os hieroglifos, tinha contato com os últimos sacerdotes egípcios. Teria ele mesmo escrito oito livros, e reuniu quarenta rolos de pergaminho, em Alexandria, que continham todos os segredos egípcios e provavelmente o **Livro de Toth.** Se tal coleção tivesse sido conservada, saberíamos, quem sabe, tudo o que seria preciso saber sobre os segredos do Egito. Foi exatamente isto que se quis impedir.

A biblioteca de Alexandria continha igualmente



obras de um historiador fenício, Mochus, ao qual se atribui a invenção da teoria atômica.

Ela continha, ainda, manuscritos indianos extraordinariamente raros e preciosos.

De todos esses manuscritos não resta nenhum traço. Conhecemos o número total dos rolos quando a destruição começou: quinhentos e trinta e dois mil e oitocentos. Sabemos que existia uma seção que se poderia batizar de "Ciências Matemáticas" e outra de "Ciências Naturais". Um catálogo geral igualmente existia. Também este foi destruído.

Foi César quem inaugurou essas destruições. Levou um certo número de livros, queimou uma parte e guardou o resto. Uma incerteza persiste ainda em nossos dias sobre esse episódio, e 2.000 anos depois da sua morte, Júlio César tem ainda partidários e adversários. Seus partidários dizem que ele jamais queimou livros na própria biblioteca; aliás, um certo número de livros prontos a ser embarcados para Roma, foi queimado num dos depósitos do cais do porto de Alexandria, mas não foram os romanos que lhes atearam fogo.

Ao contrário, certos adversários de César dizem que grande número de livros foi deliberadamente destruído. A estimativa do total varia de 40.000 a 70.000.

Uma tese intermediária afirma que as chamas provenientes de um bairro onde se lutava, ganharam a biblioteca e destruíram-na acidentalmente.

Parece certo, em todo caso, que tal destruição não foi total. Os adversários e os partidários de César não dão referência precisa, os contemporâneos nada dizem e os escritos mais próximos do acontecimento lhe são posteriores de dois séculos.

César mesmo, em suas obras, nada disse. Parece que ele se "apoderou" de certos livros que lhe pareciam especialmente interessantes.

A maior parte dos especialistas em história egípcia pensa que o edifício da biblioteca deveria ser de grandes dimensões para conter setecentos mil volumes, salas de trabalho, gabinetes particulares, e que um monumento de tal importância não pôde ser totalmente destruído por um princípio de incêndio. É possível que o incêndio tenha consumido estoques de trigo, assim como rolos de papiro virgem. Não é certo que tenha devastado grande parte da livraria, não é certo que ela tenha sido totalmente aniquilada. É certo, porém, que uma quantidade de livros considerados particularmente perigosos, desapareceu.

A ofensiva seguinte, a mais séria contra a livraria, parece ter sido feita pela Imperatriz Zenóbia. Ainda desta vez a destruição não foi total, mas livros importantes desapareceram. Conhecemos a razão da ofensiva que lançou depois dela o Imperador Diocleciano (284-305 d.C.). Documentos contemporâneos estão de acordo a este respeito.

Diocleciano quis destruir todas as obras que davam os segredos de fabricação do ouro e da prata. Isto é, todas as obras de alquimia. Pois ele pensava que se os egípcios pudessem fabricar à vontade o ouro e a prata, obteriam assim meios para levantar um exército e combater o império. Diocleciano mesmo, filho de escravos, foi proclamado imperador em 17 de setembro de 284. Era, ao que tudo indica, perseguidor nato e o último decreto que assinou antes de sua abdicação em maio de 305, ordenava a destruição do cristianismo. Diocleciano foi de encontro a uma poderosa revolta do Egito e começou em julho de 295 o cerco a Alexandria. Tomou a cidade e nessa ocasião houve massacres inomináveis. Entretanto, segundo a lenda, o cavalo de Diocleciano deu um passo em falso ao entrar na cidade conquistada,



e Diocleciano interpretou tal acontecimento como mensagem dos deuses que lhe mandavam poupar a cidade.

A tomada de Alexandria foi seguida de pilhagens sucessivas que visavam acabar com os manuscritos de alquimia. E todos os manuscritos encontrados foram destruídos. Eles continham, ao que parece, as chaves essenciais da alquimia que nos faltam para a compreensão dessa ciência, principalmente agora que sabemos que as transmutações metálicas são possíveis (ver, a respeito, na mesma coleção, a obra de Jacques Sadoul, "O Tesouro dos Alquimistas").[1] Não possuímos lista dos manuscritos destruídos, mas a lenda conta que alguns dentre eles eram obras de Pitágoras, de Salomão ou do próprio Hermes. É evidente que isto deve ser tomado com relativa confiança.

Seja como for, documentos indispensáveis davam a chave da alquimia e estão perdidos para sempre: Mas a biblioteca continuou. Apesar de todas as destruições sistemáticas que sofreu, ela continuou sua obra até que os árabes a destruíssem completamente. E se os árabes o fizeram, sabiam por que o faziam. Já haviam destruído, no próprio Islão — assim como na Pérsia — grande número de livros secretos de magia, de alquimia e de astrologia.

A palavra de ordem dos conquistadores era "não há necessidade de outros livros, senão o Livro", isto é, o Alcorão. Assim, a destruição de 646 d.C. visava não propriamente os livros malditos, mas todos os livros. O historiador muçulmano Abd al-Latif (1160-1231) escreveu: "A biblioteca de Alexandria foi aniquilada pelas chamas por Amr ibn-el-As, agindo sob as ordens de Omar, o vencedor". Esse Omar se opunha aliás a que se escrevessem livros muçulmanos, seguindo sempre o

(1) **Enigmas e Mistérios do Realismo Fantástico**, edição HEMUS.

princípio: "o livro de Deus é-nos suficiente". Era um muçulmano recém-convertido, fanático, odiava os livros e destruiu-os muitas vezes porque não falavam do profeta.

É natural que terminasse a obra começada por Júlio César, continuada por Diocleciano e outros.

Se documentos sobreviveram a esses autos-de-fé, foram cuidadosamente guardados desde 646 d.C. e não mais reapareceram. E se certos grupos secretos possuem atualmente manuscritos provenientes de Alexandria, dissimulam isto muito bem.

Retomemos, agora, o exame desses acontecimentos à luz da tese que sustentamos: a existência desse grupo que chamamos de Homens de Negro e que constitui uma organização visando a destruição de determinado tipo de saber.

Parece evidente que tal grupo se desmascarou em 391 depois que procurou, sistematicamente, sob Diocleciano, e destruiu as obras de alquimia e de magia.

Parece evidente, também, que tal grupo nada teve a ver com os acontecimentos de 646: o fanatismo muçulmano foi suficiente.

Em 1692 foi nomeado para o Cairo um cônsul francês chamado M. de Maillet. Ele assinalou que Alexandria é uma cidade praticamente vazia e sem vida. Os raros habitantes, que são sobretudo ladrões, se encerram em seus esconderijos. As ruínas das construções estão abandonadas. Parece provável que, se livros sobreviveram ao incêndio de 646, não estavam em Alexandria naquela época; trataram de evacuá-los.

A partir daí, fica-se reduzido a hipóteses.

Fiquemos nesse plano que nos interessa, isto é, o dos livros secretos que dizem respeito às civilizações



desaparecidas, à alquimia, à magia ou às técnicas que não mais conhecemos. Deixaremos de lado os clássicos gregos, cuja desaparição é evidentemente lamentável, mas escapa a nosso assunto.

Voltemos ao Egito. Se um exemplar do **Livro de Toth** existiu em Alexandria, César apoderou-se dele como fonte possível de poder. Mas o Livro de Toth não era certamente o único documento egípcio em Alexandria. Todos os enigmas que se colocam ainda sobre o Egito teriam, talvez, solução, se tantos documentos egípcios não tivessem sido destruídos.

E entre esses documentos, eram particularmente visados e deveriam ser destruídos, no original e nas cópias, depois os resumos: aqueles que descreviam a civilização que precedeu o Egito conhecido. É possível que alguns traços subsistam, mas o essencial desapareceu, e essa destruição foi tão completa e profunda que os arqueólogos racionalistas pretendem, agora, que se pode seguir no Egito o desenvolvimento da civilização do neolítico até as grandes dinastias, sem que nada venha a provar a existência de uma civilização anterior.

Assim também a História, a ciência e a situação geográfica dessa civilização anterior nos são totalmente desconhecidas. Formulou-se a hipótese que se tratava de uma civilização de Negros. Nessas condições, as origens do Egito deveriam ser procuradas na África. Talvez tenham desaparecido em Alexandria, registros, papiros ou livros provenientes dessa civilização desaparecida.

Foram igualmente destruídos tratados de alquimia os mais detalhados, aqueles que permitiriam, realmente, obter a transmutação dos elementos. Foram destruídas obras de magia. Foram destruídas provas do encontro

com extraterrestres do qual Bérose falou, citando os Apkallus. Foram destruídos... mas como prosseguir enumerando tudo o que ignoramos! A destruição tão completa da biblioteca de Alexandria é, certamente, o maior sucesso dos Homens de Negro.



## COMPLEMENTO AO CAPÍTULO 2

### E AS PIRÂMIDES?

Haverá, certamente, leitores que pensarão que os manuscritos que escaparam das múltiplas destruições da biblioteca de Alexandria encontraram refúgio nas cavernas secretas sob as pirâmides. O mais extraordinário é que eles podem não estar totalmente enganados. O mistério do Egito está longe de estar definitivamente resolvido.

Citemos, simplesmente, a respeito, duas notas do egiptólogo francês Alexandre Varille. Este morreu em 1.º de novembro de 1951 num estranho acidente que estamos tentados a atribuir aos Homens de Negro; ele escreveu:

"Ignora-se a filosofia faraônica pois a mentalidade ocidental se mostra impotente para decifrar esse pensamento."

E ainda:

"A egiptologia começou a esterilizar-se quando entrou no quadro oficial da universidade, e quando os egiptólogos profissionais tomaram, progressivamente, o lugar dos egiptólogos de vocação".

Varille está longe da superestimação ingênua e demente das pirâmides. Sabia que os edifícios egípcios são de uma precisão científica extrema e que pode ser descoberta.

O conjunto desses segredos científicos teria sido redigido por Quéops e estariam ao mesmo tempo num livro do qual se teriam feito muitos exemplares e guardados nas próprias pirâmides. Notadamente nas duas grandes pirâmides de Gizé.

A maior parte desse saber deve ter sido destruído em Alexandria. Mas talvez não tudo. Não está excluso que, antes mesmo da chegada de César, alguns documentos essenciais tivessem sido levados e guardados. E não é impossível que eles ainda existam.

O físico americano Luiz Alvarez tentou sondar a grande pirâmide com raios. Os primeiros resultados pareceram revelar inteiramente a existência de câmaras secretas que estão por descobrir. A sondagem das outras pirâmides e dos túmulos não foi feita. Não se deve excluir uma descoberta tão importante como a do túmulo de Tout Ankh Amon, mas que se voltasse mais a documentos que a objetos.



3

## AS ESTÂNCIAS DE DZYAN

É difícil saber quem foi o primeiro a fazer alusão a um livro trazido aos indianos e proveniente do planeta Vênus. Parece ter sido o astrônomo francês Bailly, no fim do século XVIII, mas é possível que haja referências anteriores.

O francês Louis Jacolliot, no século XIX, parece ter sido o primeiro a batizar esse livro de **As Estâncias de Dzyan.** Desde meados do século XIX, pode notar-se uma série de acidentes acontecidos a pessoas que pretenderam possuir essas estâncias. Mas foi com a ascensão e queda de Madame Blavatsky que a história das **Estâncias de Dzyan** apareceram em toda sua extensão.

É difícil falar de Madame Blavatsky de maneira imparcial. As opiniões são muito divididas, e as paixões, mesmo em nossa época, ainda são violentas.

O melhor livro, em francês, sobre o assunto, foi escrito por Jacques Lantier: "A Teosofia" (CAL). Falarei de Madame Blavatsky somente o que me parece necessário para compreender a história fantástica das **Estâncias de Dzyan.**

Helena Petrovna Blavatsky nasceu na Rússia em 30 de julho de 1831, sob o signo de múltiplas calami-

dades. Desde o seu batismo, a coisa teve início: a casula do sacerdote pegou fogo e ele ficou gravemente queimado, e muitas pessoas que assistiam feriram-se, tomadas de pânico. Após esse brilhante começo, desde a idade de cinco anos, Helena Blavatsky espalhava o terror em torno de si, hipnotizando seus companheiros de brinquedo: um deles se lançou no rio, afogando-se.

Com a idade de 15 anos começou a desenvolver os dons da clarividência, inteiramente imprevistos, e passou a descobrir criminosos que a polícia era incapaz de desmascarar.

A loucura começou a espalhar-se e queria-se colocar a jovem na prisão até que fornecesse de suas atividades e de seus dons explicações racionais. Felizmente a família interveio: casaram-na, pensando que se acalmasse, mas ela escapou e embarcou em Odessa para Constantinopla. De lá chegou ao Egito.

Uma vez mais, voltamos às mesmas pistas do primeiro capítulo: o **Livro de Toth,** as obras que escaparam do desastre de Alexandria.

Fosse como fosse, no Cairo, Madame Blavatsky viveu com um mágico, de origem copta, grande letrado muçulmano. Este lhe revelou a existência de um livro maldito, muito perigoso, mas que ele lhe ensina a consultar por clarividência. O original, segundo o mágico, está num mosteiro do Tibet.

O livro chama-se **As Estâncias de Dzyan.**

Segundo o mágico copta, o livro revelaria segredos provenientes de outros planetas e referentes a uma história de centenas de milhões de anos.

Como disse H. P. Lovecraft:

"Os teólogos anunciam coisas que gelariam o sangue de terror se eles não as enunciassem com um otimismo tão desarmante quanto beato."



Desejou-se procurar a origem dessas estâncias. Meu amigo Jacques Van Herp crê ter encontrado uma num obscuro artigo do "Asiatic Review" que Madame Blavatsky, provavelmente, não teve nunca ocasião de consultar.

Pode-se dizer, ao menos, que Madame Blavatsky, cuja imaginação era sempre muito viva, deixa-se levar por relatos fantásticos que correspondem a uma tradição muito antiga. Se levarmos a hipótese ao máximo, podemos imaginar qualquer coisa. Casos de clarividência excepcional existem. Outro bom exemplo disso é o de Edgar Cayce (ver a obra de Joseph Millard: "L'homme du mystére, Edgar Cayce"). Que Madame Blavatsky tenha lido, realmente pela clarividência, uma obra extraordinária, não é, talvez, de todo impossível.

Mais tarde ela pretenderá possuir, sob a forma de um livro, essas **Estâncias de Dzyan.** Deixando o Cairo, rumou a Paris, onde viveu dos subsídios do pai. Depois em Londres, depois na América, onde tomou contato com os Mormons e estudou o Vudu.

Depois disso, tornou-se assaltante no faroeste — não exagero, é histórico.

Voltou depois a Londres onde pretendeu encontrar um certo Kout Houmi Lal Sing. A propósito desse personagem, quatro hipóteses foram emitidas.

1.º Só existiu na imaginação de Madame Blavatsky.

2.º Jamais existiu mas era a projeção de forças mentais provenientes de adeptos que viviam na Ásia.

3.º Era um hindu, agente de uma sociedade secreta que manipulava Madame Blavatsky para fazê-la instrumento da independência da Índia. Tal tese parece

ser preferida por Jacques Lantier que é policial de profissão.

4.º Esse personagem era agente do Serviço de Inteligência.

Essa quarta tese se encontra na literatura soviética onde Madame Blavatsky é considerada, com todo seu trabalho, como um instrumento do imperialismo inglês.

É interessante notar que um século depois desses acontecimentos, depois de milhares de artigos e centenas de livros, nada se tenha conseguido saber sobre esse personagem designado pelas iniciais K. H. Estamos no terreno das conjecturas, mas não é excluso afirmar que as quatro hipóteses propostas sejam todas falsas.

Seja como for, K. H. manteve correspondência com Madame Blavatsky. Uma parte dessas cartas foi publicada. Entre outras coisas, falava do perigo das armas construídas com energia atômica, e da necessidade, conseqüentemente, de guardar certos segredos. Isto há cem anos! Encontra-se um eco dessas cartas no romance de ficção científica de Louis Jacolliot "Os devoradores de fogo" onde se assiste já à conversão total da matéria em energia.

Tais cartas contém muitas outras coisas. À medida que as recebia, Madame Blavatsky, mulher inculta cuja biblioteca era composta unicamente de romances baratos comprados em estações de trem, tornava-se, bruscamente, a pessoa melhor informada do século XIX, no que concerne às ciências. É suficiente ler livros como **A Doutrina Secreta, Ísis Desvendada, O Simbolismo Arcaico das Religiões,** livros esses que ela assinou, para constatar uma imensa cultura que ia da lingüística (ela foi a primeira a estudar a semântica do sânscrito arcaico) até a física nuclear, passando por todos os conhecimentos de sua época, da nossa, e por algumas ciências ainda não inventadas.



Pode-se alegar que seu secretário George Robert Stow Mead era um homem de grande cultura. Mas Mead só encontrou Madame Blavatsky em 1889 e não ficou com ela senão os três últimos anos de sua vida. De mais a mais, se esse antigo aluno de Cambridge conhecia muito bem os problemas relativos ao gnosticismo, não tinha essa cultura universal, tão avançada para a época, que se manifestava na obra de Madame Blavatsky.

Esta pretendeu sempre que suas informações provinham das **Estâncias de Dzyan,** que ela consultara à distância, primeiramente, e que depois recebera dos indianos um exemplar. Não se sabe onde ela teria aprendido o sânscrito: isto faz parte do mistério.

Em 1852, Madame Blavatsky voltou à Índia, rumou depois para Nova Iorque e viveu novamente dois anos no faroeste. Em 1855, novamente em Calcutá, depois tentou penetrar no Tibet: impediram-na com energia. Começou então a receber advertências: se ela não restituísse o exemplar das **Estâncias de Dzyan,** uma infelicidade se abateria sobre ela. Com efeito, em 1860 ela caiu doente. Durante três anos perambulou pela Europa como se estivesse sendo perseguida.

Em 1870 voltou ao Oriente, a bordo de um navio que atravessou o Canal de Suez, que acabava de ser aberto. O navio explodiu. Diz-se que transportava pólvora para canhão, mas isto não está provado. A maior parte dos viajantes foi reduzida, em todo caso, a poeira tão fina que nem se achou mais vestígio de seus cadáveres. A descrição da explosão lembra antes a de uma bomba atômica, que outra coisa. Madame Blavatsky escapou miraculosamente.

Tentou depois, em Londres, dar uma entrevista coletiva à imprensa. Um louco(?) atingiu-a com tiros. Declarou, em seguida, que fora teleguiado, precedendo, assim, Lee Harvey Oswald, Shirhan Shirhan e Charles Manson.

Madame Blavatsky escapou, mas ficou terrivelmente assustada. Organizou outra entrevista coletiva para apresentar as **Estâncias de Dzyan,** pensando, assim, suprimir a ameaça. Mas o manuscrito desapareceu. Desapareceu de um cofre-forte, moderno para a época, que se encontrava num grande hotel.

Madame Blavatsky é então persuadida que luta contra uma sociedade secreta extremamente poderosa. O episódio principal dessa luta deveria desencadear-se alguns anos mais tarde, quando Madame Blavatsky encontrou na América, Henry Steel Olcott, homem de negócios, que se dizia coronel, como muitos de sua época, notadamente Búffalo Bill.

Olcott se apaixonou pela estranha. Madame Blavatsky lhe pareceu fascinante. Fundou, então, com ela, um "clube de milagres". Depois disso, uma sociedade que quis batizar como sociedade egiptológica. Depois de muitas advertências, o nome foi mudado para "Sociedade Teosófica". Estamos a 8 de setembro de 1875. Os sinais e prodígios logo se manifestaram. A sociedade quer incinerar os restos mortais do Barão de Palm, improvável aventureiro, membro dessa sociedade. A cremação é novidade, principalmente na América. É preciso uma autorização especial para a sociedade teosófica construir um forno crematório. Quando lá foi posto o cadáver do Barão de Palm, seu braço direito levantou-se para o céu, em sinal de protesto. Ao mesmo tempo, no mesmo instante, um incêndio gigantesco apareceu no



Brooklyn: um grande teatro queimou e duzentos nova-iorquinos morreram. A cidade inteira tremeu.

Ao cabo de algum tempo, decidiu-se que o Coronel Olcott e Madame Blavatsky partiriam para a Ásia a fim de entrar em contato com os grandes mestres da Loja Branca. A missão era encarada tão seriamente pelo governo dos Estados Unidos que, quando da partida, em 1878, o Presidente Rutherford Hayes designou Madame Blavatsky e o Coronel Olcott como seus enviados especiais, deu-lhes ordens da missão assinadas e passaportes diplomáticos. Tais documentos evitariam que, mais tarde, eles fossem mantidos presos na Índia, pelos ingleses, como espiões russos; só faltava a espionagem nessa história, aí está.

Em 16 de fevereiro de 1879, a expedição chegou à Índia. Foi recebida pelo Pandit Schiamji Krishnavarma e outros iniciados. Aspecto menos agradável da recepção: todos os documentos e dinheiro dos viajantes foram roubados na chegada. A polícia inglesa reencontrou o dinheiro, mas jamais os documentos.

É o começo de uma guerra sem quartel que terminará catastroficamente. As prisões e interrogatórios policiais se sucederam. O Coronel Olcott protestou, exibiu a carta do presidente dos Estados Unidos e escreveu: "O governo da Índia recebeu falsas informações a nosso respeito, baseadas na ignorância e na malícia, e estamos colocados sob uma vigilância tão inábil que o país inteiro a percebe, e que faz crer aos indianos que o fato de ser nossos amigos, lhes atrairá a malquerença de funcionários superiores, e poderia prejudicar seus interesses pessoais. As intenções louváveis e generosas da sociedade encontram-se, assim, entravadas seriamente, e estamos sendo vítimas de indignidades absolutamente

imerecidas pela decisão do governo, enganado por falsos rumores."

Após isso, a perseguição policial diminuiu, mas as ameaças se multiplicam: se Madame Blavatsky se obstinasse em falar do livro de Dzyan deveria esperar pelo pior. Ela se obstinou.

Tinha agora em seu poder as **Estâncias de Dzyan,** que nem mesmo estavam redigidas em sânscrito, mas numa língua chamada Senzar, da qual ninguém ouvira falar, nem antes nem depois dela. Madame Blavatsky mesma traduziu o texto para o inglês: essa tradução apareceu em 1915 na "Hermetic Publishing Company" de San Diego, Estados Unidos, com um prefácio do Dr. A. S. Raleigh. Pude consultá-la em 1947 na biblioteca do Congresso em Washington. É muito curiosa e mereceria ser estudada.

A réplica dos Desconhecidos é terrível e admiravelmente organizada. Tiraram de Madame Blavatsky aquilo que lhe era mais caro: suas pretensões ao ocultismo. A sociedade de pesquisas psíquicas inglesa publicou um relatório absolutamente acabrunhador, redigido pelo Dr. Hodgson: Madame Blavatsky não passaria de um prestidigitador banal; toda sua história seria uma farsa. Ela nunca se recuperou desse ataque. Viveu até 1891, completamente abatida psiquicamente, num estado de depressão mental lamentável.

Declarou publicamente que lamenta ter falado das **Estâncias de Dzyan,** é muito tarde. Investigadores indianos, como E. S. Dutt, criticarão e demolirão a matéria de Hodgson, mas não há mais tempo para salvar Madame Blavatsky.

Provou-se, após sua morte, que uma verdadeira conspiração fora organizada ao mesmo tempo pelo governo inglês, pelos serviços de polícia do vice-rei da



Índia, pelos missionários protestantes na Índia, e por outros personagens que não se pôde identificar, e que seriam, provavelmente, os mais importantes participantes desse complô. No plano da guerra psicológica, a operação montada contra Madame Blavatsky é uma obra-prima.

Tal conspiração prova, por outro lado, que existem certas organizações contra as quais a própria proteção de um presidente dos Estados Unidos é inócua. O resultado foi visto. No plano político, Madame Blavatsky teve uma vitória total: Mohandas Karamchand Gandhi reconheceu que devia a Madame Blavatsky ter encontrado seu caminho, a consciência nacional, e que graças a ela ele libertara, finalmente, a Índia. Foi um discípulo de Madame Blavatsky que lhe forneceu a droga Soma que lhe permitiu ultrapassar os momentos mais difíceis. E é, provavelmente, devido a esses contatos, que Gandhi foi assassinado em 30 de janeiro de 1948 por um fanático estranhamente teleguiado e estranhamente precursor, uma vez mais.

Mas as idéias de Madame Blavatsky triunfavam. É certo que a sociedade teosófica desempenhou importante papel, se não decisivo, na libertação da Índia. É certo também que o Serviço de Inteligência e outros instrumentos do imperialismo inglês tomaram parte na conspiração contra Madame Blavatsky e contra o livro de Dzyan.

A impressão que se depreende, portanto, é que uma organização mais poderosa que o próprio Serviço de Inteligência, e não política, procurou impedir Madame Blavatsky de falar.

Objetar-me-ão que tal organização não impediu a publicação do texto em 1915, mas o que prova que a publicação tenha a menor relação com o original? Afi-

nal, não conheço nada sobre a sociedade hermética de San Diego. . .

Em todo caso, Madame Blavatsky começou a morrer depois do desastre. Nós a reencontraremos, numa última imagem, na rua Notre-Dame-des-Champs, em Paris. Aí terminou sua vida, para ir morrer depois em Londres em 1891.

Olhemos através dos olhos de um de seus inimigos, o russo V. S. Solovyoff, que descreveu seus encontros com ela no "Mensageiro da Rússia", uma revista da época. Parece que ele aborreceu-se principalmente com as críticas mudas que ela constantemente parecia dirigir--lhe. Apesar de abatida, Madame Blavatsky foi ainda objeto de fenômenos bizarros. Eis o que aconteceu ao cético Solovyoff no Hotel Vitória, em Elberfeld (Alemanha), quando acompanhava Madame Blavatsky e alguns discípulos em viagem:

"De repente acordei. Fui despertado por um hálito quente. Ao meu lado, na obscuridade, uma figura humana de talhe alto, vestida de branco se erguia. Ouvi uma voz, não saberia dizer em que língua, ordenando-me para acender a vela. Uma vez a vela acesa, vi que eram duas horas da manhã e que um homem vivo se encontrava ao meu lado. Esse homem parecia exatamente o retrato do mahatma Morya que eu já vira. Falou-me numa língua estranha mas, no entanto, eu o compreendia. Disse-me que eu tinha grandes poderes pessoais e que meu dever era empregá-los. Depois desapareceu. Reapareceu logo, sorrindo, e na mesma língua desconhecida, mas inteligível, disse: "Esteja certo, não sou uma alucinação e você não está a ponto de perder a razão". Depois desapareceu novamente. Eram, então, 3 horas. A porta continuava fechada à chave".



Se é esse o gênero de fenômeno que acontecia aos céticos, não é nada espantoso que Madame Blavatsky tivesse conhecido experiências mais extraordinárias. Parece, em todo caso, que ela empregou uma espécie de clarividência para escrever. Um crítico inglês, William Emmett Coleman conta que na obra **Ísis Desvendada,** Madame Blavatsky cita perto de 1.400 livros que ela não possuía. As citações são corretas.

Acusam-me de ter procedido da mesma maneira oculta para escrever o **Despertar dos Mágicos,** mas nenhuma citação desse livro, e nem dos meus livros seguintes, nem do presente livro, foram feitas de memória. Porque eu não pude encontrar as fotocópias que tirei, em 1947, das **Estâncias de Dzyan,** publicadas na edição de 1915, é que não as cito de memória.

Madame Blavatsky, em todo caso, não ameaçará mais ninguém de publicar as **Estâncias de Dzyan.** O leitor poderia perguntar-me de onde me vem a idéia de que as obras pertencentes às civilizações muito antigas, obras, talvez, de origem interplanetária, se encontram na Índia. Tal idéia não é nova: foi introduzida no Ocidente por um personagem tão fantástico quanto Madame Blavatsky: Apolônio de Tiana. Apolônio de Tiana foi estudado notadamente por George Robert Stow Mead (1863-1933), que por acaso foi o último secretário de Madame Blavatsky nos três últimos anos de sua vida.

Apolônio de Tiana parece ter realmente existido. Uma biografia dele foi escrita por Flavius Philostratus (175-245 d.C.). Apolônio de Tiana impressionou tanto seus contemporâneos e a posteridade que, hoje ainda, investigadores sérios afirmam que Jesus Cristo jamais existiu, mas que seus ensinamentos provém, na realidade, de Apolônio de Tiana. É uma tese que não existe

somente entre os racionalistas. Atribui-se a Apolônio poderes sobrenaturais que ele próprio negou com grande energia.

Parece, entretanto, ter visto, pela clarividência, o assassinato do imperador romano Domiciano, em 18 de setembro do ano 96 d.C. Certamente viajou à Índia. Morreu em idade avançada, depois dos cem anos, provavelmente em Creta.

Deixemos de lado as lendas que o envolvem e notadamente aquela que diz que Apolônio de Tiana ainda vive entre nós. Deixemos, igualmente, de lado, as relações de seus ensinamentos e o cristianismo. Mencionemos simplesmente, de passagem, que Voltaire o colocou acima de Jesus Cristo, mas isto foi, sem dúvida, para atacar os cristãos.

O certo é que Apolônio de Tiana afirmou existir em seu tempo, no século I depois de Cristo, na Índia, extraordinários livros antigos contendo o saber vindo de eras desaparecidas, de um passado muito recuado. Apolônio de Tiana parece ter tido acesso a alguns desses livros, em particular é a ele que devemos, na literatura hermética, passagens inteiras dos "Upanishads" e da "Bhagavad Gita".

Foi ele, antes de Bailly e Jacolliot, quem lançou essa idéia que não cessa de circular. Seu discípulo Damis fez anotações sobre esses livros, mas como por encanto as notas de Damis desapareceram. O prefaciador da obra de Mead, Leslie Shepard, escreveu em julho de 1965, recentemente, portanto, não estar fora de cogitação que as notas de Damis aparecerão um dia. Seria muito interessante, e antes de tudo, a história dos manuscritos do Mar Morto prova que as reaparições mais curiosas são ainda possíveis.



Damis fala, no que nos resta de suas notas, de reuniões secretas das quais era excluído, entre Apolônio e sábios hindus. Descreveu, também, fenômenos de levitação e de produção direta de chamas por um efeito da vontade, sem auxílio de instrumento. Assistiu fenômenos desse gênero, produzidos pelos sábios indianos. Estes parecem ter acolhido Apolônio como seu igual e tê-lo ensinado o que jamais teriam ensinado a qualquer ocidental.

Apolônio parece ter visto as **Estâncias de Dzyan.** Teria trazido um exemplar ao Ocidente. Quem o saberá?

# 4

## O SEGREDO DO ABADE TRITHÈME

O abade Trithème possui, sobre outros personagens do presente livro, a vantagem de ter realmente existido. Nasceu em 1462 e morreu em 1516. Teve numerosos historiadores, entre os quais Paul Chacornac: "Grandeza e adversidade do abade Trithème" (Edições Tradicionais, Paris, 1963). No entanto, devo deixar claro desde já que não estou totalmente de acordo com esse eminente historiador. Não quero absolutamente dizer que ponho em dúvida seu valor como historiador, mas que tenho em meu poder certas informações que Chacornac consideraria, talvez, secundárias, mas que me parecem, a mim que sou especialista, ao mesmo tempo, em criptografia e no estudo das técnicas desaparecidas, de capital importância.

De outra parte, minhas fontes não ultrapassam as de Chacornac.

Isto dito, começamos pelo começo. O abade Jean de Heidenberg, que se fez chamar abade Trithème, nasceu em 2 de fevereiro de 1462, em Tritthenheim. Entrou para a célebre universidade de Heidenberg em 1480, para aí fazer seus estudos. Obteve certificado de pobreza que o dispensou de pagar os estudos. Fundou com Jean de Dalberg e Rudolphe Huesmann uma socie-

dade secreta para estudar astrologia, a magia dos números, as línguas e a matemática. Os participantes adotaram pseudônimos. Jean de Dalberg tornou-se Jean Camerarius; Rudolphe Huesmann tornou-se Rudolf Agricola; Jean de Heidenberg tornou-se Jean Trithème.

Não se escolhia, geralmente, pseudônimos ao acaso, mas não se conhece a origem dessas escolhas, salvo que o número três nelas figurava visivelmente. A sociedade mesma adotou um nome secreto muito significativo: "Sodalitas Celtica", a Confraria Celta. Aos primeiros participantes juntou-se o judeu Paul Ricci que lhes ensinou a Kabala. Em 2 de fevereiro de 1482, dia em que completava vinte anos, Jean Trithème entra para a ordem dos beneditinos, no mosteiro de Saint-Martin-de-Spanheim. Seria mais tarde abade de Spanheim, depois de Wurtzbourg. Sua piedade cristã não parecia duvidosa. Será ela quem o protegerá de certas tentações, quando ele se interessa pela alquimia e pela magia. Esse interesse parece ter sido aquele de um cientista desinteressado que não busca nem riqueza nem poder pessoal. A atitude do abade Trithème parece ter sido idêntica àquela do cônego de nossos dias, Lemaitre de Louvain, que criou a teoria do universo em expansão e que foi admirado pelo próprio Einstein. O que não o impedia de buscar nesse fenômeno suposto do universo em expansão, a prova da existência de Deus.

Trithème reuniu no mosteiro de Saint-Martin a biblioteca mais rica da Alemanha, que se compunha, essencialmente, de manuscritos. Não gostava de livros impressos, recentemente inventados, e que achava vulgares. Essa biblioteca, constituída às suas expensas, custou-lhe mais de 1500 ducados de ouro.

Fazendo-se passar por erudito e historiador, prosseguiu nas buscas. Bem estranhas buscas. Buscas sobre as



quais cometeu o erro de escrever cartas imprudentes a indiscretos e a invejosos que se vingariam dele, prejudicando-o. Suas buscas voltavam-se a um processo para hipnotizar pessoas à distância, por telepatia, com o auxílio de certas manipulações de linguagem. A lingüística, a matemática, a kabala e a parapsicologia se misturam estranhamente em seus trabalhos.

O livro, em oito volumes, que reunia suas buscas e que continha os segredos de um incrível poder, chamava-se **Steganographie.** O manuscrito completo desse livro foi destruído pelo fogo sob as ordens do Eleitor Philippe, conde palatino Philippe II, que o encontrou na biblioteca de seu pai e ficou aterrorizado.

**Nenhum exemplar completo desse livro subsistiu.** Insistimos, o manuscrito que continha a chave dos maiores poderes foi destruído. Não existe nenhuma cópia. O Dr. Armitage, que na novela de Lovecraft "A abominação de Dunwich", se serve de manuscritos para decifrar antigos códigos cifrados, foi inventado por Lovecraft que não acreditava, absolutamente, que seu herói tivesse tido uma realidade histórica, e que não teve certamente em mãos a **Steganographie** completa, como nenhum outro.

Existe, entretanto, um manuscrito fragmentário que cobre mais ou menos 3/8 da obra, a que nos reportaremos.

Que havia nessa **Steganographie?**

Citemos, primeiro, alguns testemunhos do próprio Trithème:

"Um dia deste ano de 1499, após sonhar muito tempo com a descoberta de segredos desconhecidos, persuadido, afinal, que o que eu procurava não era possível, fui deitar-me, um pouco envergonhado, pela loucura de querer encontrar o impossível. Durante a noite

(em sonho) alguém se apresentou a mim chamando-me pelo nome: Trithème, disse-me, não creia ser em vão seus pensamentos. Mesmo que as coisas que procura sejam impossíveis, a você e a qualquer outro homem, elas irão ao seu encontro.

— "Ensine-me, disse eu, o que é preciso fazer para tê-las? Então, ele descobriu todo o mistério e me mostrou que nada era mais fácil."

Trithème pôs-se, então, a trabalhar e eis aqui, sempre de sua própria boca, o relato do que ele encontrou:

"Posso assegurar que essa obra pela qual ensino numerosos segredos e mistérios pouco conhecidos, parecerá a todos, ainda mais aos ignorantes, conter coisas sobre-humanas, admiráveis e incríveis, visto que nenhuma outra pessoa anteriormente sobre isto escreveu ou falou antes de mim.

"O primeiro livro contém e mostra mais de cem maneiras de escrever secretamente, e sem nenhuma suspeita, tudo o que quisermos e não importa em que língua conhecida, sem que se possa suspeitar o teor, e isto sem metátese nem transposição de letras, e também sem nenhum temor nem dúvida que o segredo possa ser conhecido por alguém, a não ser aquela a quem cabalisticamente eu tiver ensinado, essa ciência, ou àquela a quem meu binário cabalisticamente transmitir. Como todas as palavras e letras empregadas são simples e familiares, não provocam nenhuma desconfiança e não haverá ninguém, por mais experimentado que seja, que possa por si mesmo descobrir meu segredo, o que parecerá a todos uma coisa formidável, e aos ignorantes uma impossibilidade.

"No segundo livro, tratarei de coisas ainda mais maravilhosas, que se aliam a certos meios, graças aos



quais, de maneira segura, posso impor minha vontade a qualquer pessoa que receberá o sentido de minha ciência, o mais longe que esteja, mesmo a mais de cem léguas de mim, e isto sem que me possam suspeitar de empregar sinais, figuras ou quaisquer outros caracteres, e se uso para isso um mensageiro e que ele seja preso a caminho, nenhum rogo, ameaça ou promessa, nem mesmo a violência poderá obrigar esse mensageiro a descobrir meu segredo, pois dele não terá nenhum conhecimento; e isto porque ninguém, por mais esperto que seja, poderá descobrir o segredo.

"E mesmo todas essas coisas, posso fazer quando quiser, facilmente, sem o auxílio de ninguém, nem mensageiro, mesmo com um prisioneiro encerrado num lugar tão profundo e sob guarda vigilante."

São pretensões formidáveis.

A maior parte dos historiadores do abade Trithème diz que disso ele nada encontrou e que vivia de ilusões. Não é esta nossa opinião. Penso que Trithème, realmente, fez uma admirável descoberta, que foi obrigado a calar-se, e que a destruição de seu livro faz parte de uma ação que já se torna natural dos Homens de Negro, aos quais meu livro é consagrado.

Trithème agiu mal ao ser muito racionalista para sua época, notadamente por atacar a astrologia. Eis o que ele disse:

"Para trás, homens temerários, homens vãos e astrólogos mentirosos, que enganam as inteligências e que ficam em frivolidades. Pois a disposição das estrelas nada influem sobre a alma imortal, nenhuma ação tem sobre a ciência natural; ela nada tem a ver com o saber supra-celeste, pois o corpo não pode ter poder a não ser sobre o próprio corpo. O espírito é livre e não está submetido às estrelas, não absorve suas influências e não

segue seus movimentos, mas está em comunicação somente com o princípio supra-celeste, pelo qual foi feito e pelo qual se tornou fecundo".

Nessa nota, como em muitas outras cartas e escritos de Trithème, aparece uma mentalidade absolutamente racional. O que ele chama de magia natural, é o que chamamos técnica.

Atribui-se a ele livros sobre a pedra filosofal. Não é certo. Os livros de Trithème foram extensamente comentados pelo alquimista inglês George Ripley que escreveu: "Suplico aos que sabem para não publicar". Depois de sua morte, uma reputação de mágico negro caiu sobre o abade Trithème. Um dos jesuítas mais ferozes da Inquisição, Del Rio, perguntará por que a **Steganographie,** que entretanto só circulava sob a forma de notas incompletas, não estava entre os livros proibidos censurados. Logo, livros que fazem o tema de meu trabalho.

Em 1610, só então, em Frankfurt, uma primeira edição do que restava da **Steganographie** foi publicada por Mathias Becker. Tal edição traz a indicação "com privilégio e permissão dos Superiores", mas nenhum imprimatur aí figura. O que nos faz indagar de quais Superiores se trata.

O livro contém um prefácio que desaparecerá em seguida e onde se encontra uma frase curiosa: "Mas, talvez, alguém me objetará, pois se queres que esta ciência fique escondida, por que, então, quiseste revelar o sentido das cartas em questão?

"Eu te responderei que é porque quis beneficiar com estes excelentes princípios certos grupos de pessoas dos quais faço parte, a fim de defendê-los de múltiplos perigos, e a fim de colocá-los ao abrigo de certos acidentes fortuitos".



É um ponto de vista perfeitamente razoável. Mas o livro, mesmo truncado, parecia ainda perigoso. Também essa edição, apesar de incompleta, foi incluída no Index pela Congregação do Santo Ofício, em 7 de setembro de 1609. Tal proibição deveria durar até 1930.

Em 1616, uma defesa do abate Trithème, feita pelo abade Cigisemon, do mosteiro beneditino de Céon, na Baviera, foi publicada. Em 1621, apareceu uma nova edição reduzida. Trazia igualmente a menção "com a permissão e de acordo com os Superiores". Desta vez, não podia tratar-se de superiores eclesiásticos, pois a obra estava no Index desde 1609. Quem são esses Superiores misteriosos?

Existem em algumas bibliotecas alguns números dessa edição. O que se pode encontrar aí uma teoria geral dos códigos de transposição, tais como ainda empregamos, em nossos dias, na diplomacia e na espionagem.

Um certo número de exemplos de textos de transposição conteriam, segundo os eruditos, uma parte ao menos dos ensinamentos contidos na edição completa destruída. Nenhum dos ensinamentos convence. Mais tarde, o Padre Le Brun assinala que a utilização da **Steganographie** comporta o uso de uma aparelhagem: não muito diferente, ao que parece, de nosso rádio atual. "Ouvi dizer, muitas vezes, que algumas pessoas comunicam-se segredos, a mais de cinqüenta léguas de distância, usando agulhas imantadas. Dois amigos tomaram cada um uma bússola, ao redor da qual estavam gravadas as letras do alfabeto e pretendiam que um dos dois, fazendo aproximar a agulha de algumas letras, a outra agulha da outra bússola, distanciada de algumas léguas, se voltasse para as mesmas letras."

Isto parece muito interessante. Um aparelho desse tipo seria perfeitamente realizável em nossos dias, gra-

ças a transistores. Mas se os homens tivessem esse poder no começo do século XVII, teriam a vantagem de ter em mãos um meio de transmissão absolutamente indetectável e, naturalmente, sem nenhum pacto com o demônio e sem colocar em perigo a alma de seu usuário.

Se uma sociedade se apropriou desses segredos é bem verossímil que tenha querido guardá-los. Isto, ela parece ter conseguido.

Uma outra obra de Trithème, a **Poligrafia,** trata exclusivamente das escrituras secretas, e de maneira extremamente moderna. A obra apareceu em 1518 e uma tradução francesa foi feita em 1561. Foi largamente plagiada. Nessa obra, só se trata da criptografia pura, sem nenhum segredo do tipo oculto.

Para ser mais exato, assinalemos que, em 1515, Trithème publicou uma teoria cíclica da história da humanidade lembrando ao mesmo tempo a tradição hindu e certas teorias modernas. O livro se intitula **Das sete causas secundárias, isto é, as Inteligências, ou Espíritos do mundo após Deus, ou cronologia mística, encerrando maravilhosos segredos dignos de interesse.** A obra é baseada nos trabalhos do cabalista e mágico Pierre d'Apone. Este inquietara de tal modo a Igreja, que quando morreu, em 1313 em Pádua, a Inquisição procurou seu corpo para queimá-lo, mas não conseguiu encontrá-lo. Amigos de Pierre d'Apone haviam guardado seu corpo na Igreja Santa Justina. Raivosa, a Inquisição queimou, em seu lugar, uma sua efígie.

A obra de Trithème tem um grande interesse para o leitor de romances de ficção e de imaginação modernos. Foi nela, com efeito, que C. S. Lewis encontrou a idéia dos "eldila", anjos que fazem funcionar o sistema solar. Isto dado, a teoria dos ciclos é admitida por pessoas sérias, e uma vez mais Trithème nos fornece



idéias modernas. Bem entendido, não se pode tê-lo como responsável dos delírios que seu livro produziu, e notadamente da explicação que, por volta de 1890, dele forneceu uma sociedade secreta, a Hermetic Brotherhood of Luxor. Pode-se, entretanto, lembrar, a propósito, a opinião de Trithème sobre astrologia, opinião que citamos anteriormente.

Para os que apreciam ninharias, assinalamos que Trithème predisse em seu livro, dando-lhe a data exata, 1918, a declaração Balfour relativa à criação de um Estado judeu em Israel, e que tal afirmação foi feita 400 anos antes do acontecimento.

Passemos sobre os livros desaparecidos de Trithème, dos quais não estamos certos se ele realmente os escreveu, e voltemos à nossa hipótese relacionando-a com a **Steganographie.**

Parece-nos que Trithème teria encontrado um meio, manipulando símbolos a partir da linguagem, de produzir efeitos que podem ser constatados por outros espíritos a grande distância, e que permitiria controlar tais espíritos. Isto parece extraordinário, mas bem possível. Trithème via o mundo com olhos novos, e era perfeitamente capaz de ter inventado alguma coisa inteiramente nova.

Ele mesmo nunca teve senão pretensões razoáveis: "Nada fiz de extraordinário, e no entanto corre o boato de que sou "mágico". Li a maior parte dos livros de mágicos, não para imitá-los, mas com a idéia de refutar um dia suas perigosas superstições".

Por isso estou inclinado a crer nos poderes perfeitamente naturais, nos quais Trithème insiste, da **Steganographie.** Um tal poder é evidentemente perigoso. Trithème logo tornou-se prudente. Recomendou, também, a prudência a Henri Cornelius, diz Agrippa, que parece

nunca ter sido seu discípulo, mas que o felicitava ardorosamente por sua "filosofia adulta". Ele o aconselhou sabiamente:

"Dê feno aos bois, mas aos papagaios somente açúcar".

Quanto a Paracelso, tinha doze anos quando Trithème morreu e nunca se encontrou com ele. Paracelso não lhe inspiraria nenhuma confiança. Quando muito Paracelso podia ter lido seus livros. Ademais, em quem Trithème poderia confiar se, como sustentamos, ele realmente descobriu um meio de controle telepático à distância. Qual papa, qual imperador seria tão sábio para dispor de um tal poder? Compreende-se que Trithème se tenha calado. Compreende-se, também, que seu manuscrito tenha sido destruído e que as edições truncadas não podiam aparecer senão com a "autorização dos Superiores".

Citemos, ainda, uma de suas cartas, e imaginemos, por um instante, que ele dizia a verdade. "Pois esta ciência é um caos de uma profundidade infinita que ninguém pode compreender de maneira perfeita, pois apesar de todo o conhecimento e experiência dessa arte, sempre o que tiveres aprendido será bem inferior em quantidade a tudo o que não sabes. Essa arte profunda e tão secreta possui, com efeito, essa particularidade, que o discípulo tornar-se-á facilmente mais sábio que seu mestre, se contudo esse discípulo estiver bem disposto para progredir, e se ele mostra zelo nessas matérias contidas na Kabala hebraica. Se algum leitor não se espantar com o nome, a ordem e a natureza de certas operações dirigidas a espíritos, e pensa ser eu um mágico, necromante, ou que concluí algum pacto com o demônio, e que adoto tal ou qual superstição, julgo conveniente erguer um protesto solene nesse prefácio,



e de preservar, assim, meu nome e minha honra dessa semelhante mancha."

O caos onde se encontra todo o saber não é o que mais tarde chamaríamos de inconsciente coletivo? Foi talvez interessante que o segredo de Trithème tenha desaparecido, mas não tenho dúvida de que Trithème realmente descobriu um grande e terrível segredo.

## 5

## O QUE JOHN DEE VIU NO ESPELHO NEGRO

Como o abade Trithème, John Dee realmente existiu. Nasceu em 1527 e morreu em 1608. Sua vida foi tão extraordinária que foram os romancistas que melhor o descreveram em obras de imaginação do que a maior parte de seus biógrafos. Estes romancistas são Jean Ray e Gustav Meyrink. Matemático distinto, especialista nos clássicos, John Dee inventou a idéia de um meridiano de base: o meridiano de Greenwich. Levou à Inglaterra, tendo-os encontrado em Louvain, dois globos terrestres de Mercator, assim como instrumentos de navegação. E foi assim o início da expansão marítima da Inglaterra.

Pode-se dizer, dessa forma, — não participo dessa opinião — que John Dee foi o primeiro a fazer espionagem industrial, pois levou à Inglaterra, por conta da Rainha Elizabeth, quantidade enorme de segredos de navegação e fabricação. Foi certamente um cientista de primeira ordem, ao mesmo tempo que um especialista dos clássicos, e manifesta a transição entre duas culturas que, no século XVI, não eram, talvez, tão separadas como o são agora.

Foi também muitas outras coisas, como veremos. No curso de seus brilhantes estudos em Cambridge, pôs-se, infelizmente para ele, a construir robôs entre os

quais um escaravelho mecânico que soltou durante uma representação teatral e que causou pânico. Expulso de Cambridge por feitiçaria, em 1547, foi para Louvain. Lá, ligou-se a Mercator. Tornou-se astrólogo e ganhou a vida fazendo horóscopos, depois foi preso por conspiração mágica contra a vida da rainha Mary Tudor. Mais tarde, Elizabeth libertou-o da prisão e o encarregou de missões misteriosas no continente.

Escreveu-se com freqüência que sua paixão aparente pela magia e feitiçaria seriam uma "cobertura" à sua verdadeira profissão: espião. Não estou totalmente convencido disto.

Em 1563, numa livraria de Anvers, encontrou um manuscrito, provavelmente incompleto, da **Steganographie** de Trithème. Ele a completou e pareceu ter chegado a um método quase tão eficaz quanto o de Trithème.

Publicando a primeira tradução inglesa de Euclides, e estudando para o exército inglês a utilização de telescópios e lunetas, continuou suas pesquisas sobre a **Steganographie.** E em 25 de maio de 1581, elas superaram todas as suas esperanças.

Um ser sobre-humano, ou ao menos não-humano, envolto em luz, apareceu-lhe. John Dee chamou-o anjo, para simplificar. Esse anjo deixou-lhe um espelho negro que existe ainda no Museu Britânico. É um pedaço de antracite extremamente bem polido. O anjo lhe disse que olhando naquele cristal veria outros mundos e poderia ter contato com outras inteligências não-humanas, idéia singularmente moderna. Anotou as conversações que teve com seres não-humanos e um certo número foi publicado em 1659 por Meric Casaubon, sob o título "A true and faithfull relation of what passed between Dr. John Dee and some spirits".



Um certo número de outras conversações é inédito e os manuscritos se encontram no Museu Britânico.

A maior parte das notas tomadas por John Dee e dos livros que preparava, foram, como veremos, destruídos. Entretanto, restam-nos suficientes elementos para que possamos reconstituir a língua que esses seres falavam, e que Dee chamou a língua enoquiana.

É a primeira língua sintética, a primeira língua não-humana de que se tem conhecimento. É, em todo caso, uma língua completa que possui um alfabeto e uma gramática. Entre todos os textos em língua enoquiana que nos restam, alguns concernem à ciência matemática mais avançada do que ela o estava no tempo de John Dee.

A língua enoquiana foi a base da doutrina secreta da famosa sociedade de "Golden Dawn", no fim do século XIX.

Dee percebeu logo que não poderia lembrar-se das conversações que tinha com os visitantes estrangeiros. Nenhum mecanismo para registrar a palavra existia. Se dispusesse de um fonógrafo ou de um magnetofone, o seu destino, e talvez o do mundo, estariam mudados.

Infelizmente, Dee teve uma idéia que o levou a perder-se. Entretanto, tal idéia era perfeitamente racional: encontrar alguém que olhasse o espelho mágico e mantivesse conversações com os extraterrestres, enquanto que ele tomaria nota das conversas. Em princípio, tal idéia era muito simples. Infelizmente, os dois visionários que Dee recrutou, Barnabas Saul e Edward Talbott, revelaram-se como grandes canalhas. Desvencilhou-se rapidamente de Saul que parecia ser espião a soldo de seus inimigos. Talbott, ao contrário, que trocou seu nome pelo de Kelly, agarrou-se. E agarrou-se tanto que arruinou Dee, seduziu sua mulher, levou-o a

percorrer a Europa, sob o pretexto de fazer dele um alquimista, e acabou por estragar sua vida. Dee morreu, finalmente, em 1608, arruinado e completamente desacreditado. O Rei James I, que sucedera a Elizabeth, recusou-lhe uma pensão e ele morreu na miséria. A única consolação que se pode ter é de pensar que Talbott, aliás Kelly, morreu em fevereiro de 1595, tentando escapar da prisão de Praga. Como era muito grande e gordo, a corda que confeccionara rompeu-se e ele quebrou os braços e as pernas. Um justo fim a um dos mais sinistros crápulas que a história conheceu.

Apesar da proteção de Elizabeth, Dee continuou a ser perseguido, seus manuscritos foram roubados assim como uma grande parte de suas anotações.

Se estava na miséria, temos que reconhecer que parcialmente a merecera. Com efeito, após ter explicado à Rainha Elizabeth da Inglaterra que era alquimista, solicitara um amparo financeiro. Elizabeth da Inglaterra disse-lhe, muito judiciosamente, que se ele sabia fazer o ouro, não precisava de subvenções, pois teria suas próprias. Finalmente, John Dee foi obrigado a vender sua imensa biblioteca para viver e, de certo modo, morreu de fome.

A história reteve sobretudo os inverossímeis episódios de suas aventuras com Kelly, que são evidentemente pitorescos. Vimos aparecer aí, pela primeira vez, a troca de mulheres que, atualmente, é tão popular nos Estados Unidos.

Mas essa estatuária de Epinal obscureceu o verdadeiro problema, que é o da língua enoquiana, a dos livros de John Dee que nunca chegaram a ser publicados.

Jacques Sadoul, em sua obra "O Tesouro dos Alquimistas", nesta mesma coleção, conta muito bem a



parte propriamente alquimista das aventuras do Dr. Dee e de Kelly. Recomendo-o ao leitor.

Voltemos à linguagem enoquiana e ao que se seguiu. E falemos primeiro da perseguição que se abateu sobre John Dee, desde que começou a dar a entender que publicaria suas entrevistas com "anjos" não-humanos. Em 1597, em sua ausência, desconhecidos excitaram a multidão a atacar sua casa. Quatro mil obras raras e cinco manuscritos desapareceram definitivamente, e numerosas notas foram queimadas. Depois a perseguição continuou apesar da proteção da Rainha da Inglaterra. Foi, finalmente, um homem alquebrado, desacreditado, como o seria mais tarde Madame Blavatsky, que morreu aos 81 anos de idade, em 1608, em Mortlake. Uma vez mais a conspiração dos Homens de Negro parece ter vencido.

A excelente enciclopédia inglesa "Man, Myth and Magic" observou muito oportunamente em seu artigo sobre John Dee: "Apesar de os documentos sobre a vida de John Dee serem abundantes, fez-se pouca coisa para explicá-lo e interpretá-lo." Isto é verdadeiro.

Ao contrário, as calúnias contra Dee não faltam. Nas épocas de superstição afirmava-se que ele faria magia negra. Em nossa época racionalista pretendeu-se que seria um espião, que fazia alquimia e magia negra para camuflar suas verdadeiras atividades. Tal tese é notadamente a da enciclopédia inglesa que citamos acima.

Entretanto, quando examinamos os fatos, vemos primeiro um homem bem dotado, capaz de trabalhar 22 horas ao dia, leitor rápido, matemático de primeira ordem. Ademais, ele construiu autômatos, foi um especialista de óptica e de suas aplicações militares, da química.

Que foi ingênuo e crédulo, é possível. A história de Kelly o mostra. Mas que fez uma importante desco-

berta, a mais importante, talvez, da história da humanidade, não está totalmente excluso. Parece-me possível contudo, que Dee tenha tomado contato, por telepatia ou clarividência, ou outro meio parapsicológico, com seres não-humanos. Era natural, dada a mentalidade da época, que ele atribuísse a esses seres uma origem angélica, em vez de fazê-los vir de outro planeta ou de outra dimensão. Mas comunicou-se bastante com eles para aprender uma língua não-humana.

A idéia de inventar uma língua inteiramente nova não pertencia à época de John Dee e nem de sua mentalidade. Foi muito depois que Wilkins inventou a primeira linguagem sintética. A linguagem enoquiana é completa e não se parece com nenhuma língua humana.

É possível, evidentemente, que Dee a tenha tirado integralmente de seu subconsciente ou inconsciente coletivo, mas tal hipótese é tão fantástica quanto a da comunicação com seres extraterrestres. Infelizmente, a partir da intervenção de Kelly, as conversações estão visivelmente truncadas. Kelly inventa-as e faz dizer aos anjos ou espíritos o que lhe convinha. E do ponto de vista de inteligência e imaginação Kelly era pouco dotado. Possui-se notas sobre uma conversação onde pede a um dos "espíritos" cem libras esterlinas durante quinze dias.

Antes de conhecer Kelly, entretanto, Dee publicara um livro estranho: **A Monada Hieroglífica.** Trabalhou nesse livro sete anos, mas após ter lido a **Steganographie,** terminou-o em doze dias. Um homem de Estado contemporâneo, Sir William Cecil, declarou que: "os segredos que se encontram na **A Monada Hieroglífica** são da maior importância para a segurança do reino".

Certamente, quer-se ligar tais segredos à criptografia, o que é bastante provável. Mas quando se quer



relacionar tudo em John Dee com a hipótese de espionagem, isto me parece excessivo, pois os alquimistas e os mágicos utilizavam muito a criptografia, sob as formas mais complexas que não eram usadas pelos espiões. Tenho tendência a tomar Dee ao pé da letra e pensar que, por auto-hipnose produzida pelo seu espelho, ou por outras formas, ele ultrapassou uma barreira entre os planetas ou entre outras dimensões.

Por desgraça, ele era, por própria confissão, desprovido de todos os dons pára-normais. Foi mal aceito pelos "mediuns" e isto terminou em desastre.

Desastre aliás provocado, explorado, multiplicado pelos "Superiores" que não queriam que ele publicasse às claras o que disse em código na **A Monada Hieroglífica.** A perseguição de Dee começou em 1587 e só parou com sua morte. Exerceu-se aliás também no continente, onde o rei da Polônia e o Imperador Rodolfo II foram advertidos contra Dee por mensagens "vindas dos espíritos", e onde, a 6 de maio de 1586, o núncio apostólico entregou ao imperador um documento acusando John Dee de necromancia.

Foi um homem acovardado que chegou à Inglaterra, renunciando a publicar, e que morreu como reitor do Colégio de Cristo, em Manchester, posto que teve de 1595 a 1605 e que, ao que parece, não lhe deu satisfação.

Resta ainda, a respeito desse posto, um problema não resolvido. Na mesma época o **tzar** da Rússia convidou John Dee para ir até Moscou, a título de conselheiro científico. Ele deveria receber um salário de duas mil libras esterlinas ao ano, quantia alta correspondente a um pouco mais de duzentas mil libras hoje, com moradia principesca e uma situação que, de acordo com a carta do tzar, "faria dele um dos homens mais impor-

tantes da Rússia". Entretanto, John Dee recusou. Elizabeth da Inglaterra teria se oposto? Teria ele recebido ameaças?

Não se sabe, os documentos são vagos. Em todo caso, as diversas calúnias segundo as quais Dee, completamente dominado por Kelly, percorrera o continente espoliando príncipes e ricos, uns após outros, perdem sua razão de ser quando se considera esta recusa. Talvez temesse que o tzar o obrigaria a empregar segredos que havia descoberto e tornasse, assim, a Rússia dominadora do mundo.

O que quer que seja, Dee se apresenta a nós como um homem que recebeu visitas de seres não-humanos, que aprendeu sua linguagem e procurou estabelecer com eles uma comunicação regular. O caso é único, sobretudo quando se trata de um homem do valor intelectual de John Dee.

Infelizmente, não se pode deduzir nada, a partir do que Dee nos deixou, do lugar onde habitariam tais seres, ou a natureza psíquica deles. Disse, simplesmente, que são telepatas e que podem viajar no passado e no futuro. É a primira vez, que eu saiba, que aparece a idéia de viajar no tempo.

Dee esperava aprender desses seres tudo sobre as leis naturais, tudo sobre o desenvolvimento futuro da matemática. Não se tratava nem de necromancia nem de espiritualidade. Dee tinha a posição de um sábio que queria aprender segredos de natureza essencialmente científica. Ele mesmo descreve-se, a todo instante, como filósofo matemático.

A maior parte das notas desapareceu no incêndio de sua casa, outras foram destruídas em outras oportunidades e por pessoas diferentes. Restam-nos algumas alusões contidas na "A verdadeira relação de Casaubon"



e em certas notas que ainda existem. Tais indicações são extremamente curiosas. Dee afirma que a projeção de Mercator não é senão uma primeira aproximação. Segundo ele, a Terra não é exatamente redonda, e seria composta de várias esferas superpostas alinhadas ao longo de uma outra dimensão.

Entre essas esferas haveria pontos, ou antes, superfícies de comunicação, e assim é que a Groenlândia se estende ao infinito sobre outras terras além da nossa. Por isso, insiste Dee nas várias súplicas à Rainha Elizabeth, seria bom que a Inglaterra se apoderasse da Groenlândia de maneira a ter em suas mãos a porta para outros mundos.

Outra indicação: as matemáticas não estão senão no começo e pode-se ir além de Euclides, que Dee, lembramos, foi o primeiro a traduzir para o inglês. Dee teve razão ao afirmar isso, e as geometrias não-euclidianas que apareceriam mais tarde, confirmam seu ponto de vista.

É possível, diz igualmente Dee, construir máquinas totalmente automáticas que fariam todo o trabalho do homem. Isto, acrescenta, já foi realizado por volta de 1585 — gostaríamos muito de saber onde.

Insiste, igualmente, na importância dos números e na considerável dificuldade da aritmética superior. Uma vez mais, teve razão. A teoria dos números revelou-se como sendo o ramo mais difícil das matemáticas, bem mais que a álgebra ou a geometria.

É muito importante, notou John Dee, estudar os sonhos que revelam, ao mesmo tempo, nosso mundo interior e mundos exteriores. Esta visão, à moda de Jung, é muito avançada para a sua época. É essencial, notava ainda, esconder da massa segredos que possam ser extremamente perigosos. Encontra-se, ainda aí, uma idéia

moderna. Como se encontra outra com relação a esse tema no jornal particular de Dee: saber que se pode tirar do conhecimento da natureza poderes perfeitamente naturais e ilimitados, mas que é necessário empregar muito dinheiro nessa pesquisa.

Foi para ter esse dinheiro que procurou a proteção dos grandes, e a fabricação do ouro. Nenhuma nem outra foram conseguidas. Se pudesse encontrar um mecenas, o mundo estaria bem mudado.

Entre todos os que encontrou, conheceu William Shakespeare (1564-1616)? Creio que sim. Um certo número de críticos shakespearianos estão acordes ao admitir que John Dee é o modelo do personagem Próspero, na "Tempestade". Ao contrário, não se encontrou, ainda, que eu saiba, anti-shakespearianos bastante loucos para imaginar ser John Dee o autor das obras de Shakespeare. Entretanto, Dee me parece ser melhor candidato a esse título que Francis Bacon.

Não posso resistir ao prazer de citar esta teoria do humorista inglês A. A. Milne. Segundo ele, Shakespeare escreveu não só suas próprias obras como também o "Novum Organum" para o conde de Francis Bacon, que era completamente iletrado! Tal teoria levantou em ira os baconianos, isto é, aqueles que pretendem ter sido Francis Bacon o autor das obras de Shakespeare.

Passando para outra lenda, John Dee jamais traduziu o livro maldito "Necronomicon", de Abdul Al--Azred, pela simples razão que tal obra jamais existiu. Mas, como bem disse Lin Carter, se o "Necronomicon" tivesse existido, Dee seria, evidentemente, o único homem a poder encontrá-lo e traduzi-lo!

Infelizmente, esse "Necronomicon" foi inventado inteiramente por Lovecraft, que me confirmou esse fato por carta. Que lástima!



A pedra negra, vinda de outro universo, após ter sido recolhida pelo Conde de Peterborough, depois por Horace Walpole, encontra-se, agora, no Museu Britânico. Este não autoriza, nem que se possa usá-la, nem que se faça nela qualquer tipo de análise. Isto é lamentável. Mas se as análises do carvão de que é feita essa pedra dessem um composto isótopo que não o do carvão da Terra, provando que essa pedra teria origem fora dela, todo mundo ficaria fortemente embaraçado.

**A Monada Hieroglífica** de Dee pode ser encontrada ou obtida por fotocópia. Mas sem as chaves que correspondem aos diversos códigos da obra, e sem os outros manuscritos de John Dee queimados em Mortlake ou destruídos sob as ordens de James I, ela não pode servir para grande coisa. Entretanto, a história do Dr. John Dee não acabou e dois capítulos ser-me-ão necessários para continuá-la.

6

# O MANUSCRITO VOYNICH

O Dr. John Dee era um colecionador encarniçado de manuscritos estranhos. Foi ele que, entre 1584 e 1588, ofereceu ao Imperador Rodolfo II o estranho manuscrito Voynich.

A história desse manuscrito foi contada muitas vezes, e em particular por mim mesmo no "O Homem Eterno"[1] e no "Os Extraterrestres na História".[2] Penso, entretanto, que será útil contá-la desde o início.

O Duque de Northumberland havia pilhado um grande número de mosteiros sob o reinado de Henrique VIII. Num deles encontrou um manuscrito que sua família comunicou a John Dee, cujo interesse por problemas estranhos e textos misteriosos era bem conhecido. Segundo os documentos encontrados, tal manuscrito havia sido escrito por Roger Bacon. Roger Bacon (1214--1294) era considerado pela posteridade como um grande mágico. Com efeito, ele se interessava sobretudo pelo que chamamos experimentação científica, da qual foi um dos pioneiros.

Predisse o microscópio e o telescópio, os navios com propulsão a motores, os automóveis e as máquinas voadoras.

---

1 Edição Gallimard (Paris).
2 Nesta mesma Coleção, edição HEMUS.

Interessava-se, igualmente, pela criptografia da qual falou na "Epístola sobre as obras secretas da arte e a nulidade da magia". Dee podia pensar, perfeitamente, que um tal manuscrito inédito e cifrado por Roger Bacon podia conter espantosos segredos. Seu filho, Dr. Arthur Dee, falando da vida de John Dee em Praga, cita "um livro contendo um texto incompreensível que meu pai tentou em vão decifrar". Dee ofereceu o manuscrito ao Imperador Rodolfo. Após múltiplas atribulações, o documento parou no livreiro Hans P. Kraus, de Nova Iorque, onde foi vendido em 1962, pela módica soma de 160.000 dólares. Não é caro se tal livro contém todos os segredos do mundo, é muito caro se resumir, simplesmente, os conhecimentos do século XIII.

Falamos já do papiro egípcio que devia fornecer, em princípio, "todos os segredos das trevas", e que indicava, unicamente, o método de resolução de equações do primeiro grau. É preciso desconfiar, mesmo do manuscrito Voynich. Penso, de minha parte, que esse manuscrito Voynich serve como bom exemplo de livro maldito que escapa à destruição, unicamente porque não se chega a decifrá-lo, e porque não constitui, por isso, um perigo imediato.

Aparece em forma de brochura de 15 por 27 cm, sem capa e, segundo a paginação, faltando 28 páginas. O texto é colorido em azul, amarelo, vermelho, marrom e verde. Os desenhos representam mulheres nuas, de pequeno talhe, diagramas (astronômicos?) e quatrocentas plantas imaginárias. A escrita parece uma escrita medieval corrente. O exame grafológico permite concluir que o escriba conhecia a língua que utilizava: copiou-a de maneira corrente e não letra por letra.



O código empregado parece simples, mas não se encontra maneira de decifrá-lo.

O manuscrito apareceu em 19 de agosto de 1666, quando o reitor da Universidade de Praga, Johannes Marcus Marci, enviou-o ao célebre jesuíta Athanase Kircher que era, entre outras coisas, especialista em criptografia e em hieroglifos egípcios, e em continentes desaparecidos. Era o homem a quem se deveria ter enviado o texto, realmente, mas ele não conseguiu decifrá-lo.

O manuscrito foi, em seguida, estudado pelo sábio tcheco Johannes de Tepenecz, favorito de Rodolfo II. Encontra-se uma assinatura de Tepenecz na margem, mas também este não decifrou o manuscrito. Kircher, tendo malogrado, guardou o manuscrito numa biblioteca jesuíta. Em 1912, um livreiro chamado Wilfred Voynich comprou o manuscrito da escola jesuíta de Mondragone, em Frascati, Itália. Levou-o aos Estados Unidos, onde muitos especialistas tentaram descobrir seu segredo. Não chegaram a identificar a maior parte das plantas. Nos diagramas astronômicos, foram identificadas as constelações de Aldebaran e Hyades, o que não mudou muita coisa. A opinião geral é de que o texto está cifrado, mas numa linguagem desconhecida. Os famosos arquivos do Vaticano foram abertos para auxiliar a procura. Nada se encontrou.

Numerosas fotografias circularam, foram remetidas a grandes especialistas. Nada.

Em 1919, fotocópias chegaram a William Romaine Newbold, deão da Universidade da Pensilvânia. Newbold tinha, então, 54 anos. Era especialista em lingüística e criptografia.

Em 1920, Franklin Roosevelt, então assistente no Ministério da Marinha, agradece-lhe por decifrar uma

correspondência entre espiões, cujo segredo não pudera ser percebido por nenhum dos escritórios especializados de Washington. Newbold interessava-se, mais e mais, pela lenda do Graal e pelo gnosticismo. Era visivelmente um homem de grande cultura, capaz, se alguém no mundo fosse capaz, de decifrar o manuscrito Voynich.

Trabalhou durante dois anos. Pretendeu ter encontrado uma chave, depois tê-la perdido no curso das pesquisas, o que é singular. Em 1921 começou a fazer conferências sobre suas descobertas. O menos que se pode dizer de tais conferências é que foram sensacionais.

Segundo Newbold, Roger Bacon sabia que a nebulosa de Andrômeda era uma galáxia como a nossa. Sempre segundo ele, Bacon conhecia a estrutura da célula e a formação do embrião a partir do esperma e do óvulo. A sensação era mundial.

Não somente no meio científico, mas entre o grande público. Uma mulher atravessou todo o continente americano para suplicar a Newbold que expulsasse o demônio que a perseguia, utilizando as fórmulas de Roger Bacon.

Há também objeções. Não se compreende o método de Newbold, tem-se a impressão de que ele caminhava para trás, não se conseguem novas mensagens utilizando seu método. Ora, é evidente que um sistema de criptografia deveria funcionar nos dois sentidos. Se se possui um código, dever-se-ia decifrar mensagens que estão nesse código, mas dever-se-ia, também, traduzir nesse código mensagens em claro. A sensação continuou, mas Newbold tornava-se cada vez mais vago, menos acessível. Morreu em 1926. Seu colega e amigo, Roland Grubb Kent, publicou seus trabalhos. O entusiasmo do mundo foi considerável.



Depois, uma contra-ofensiva começou, conduzida em particular pelo Padre Manly. Não estava de acordo com a decifração de Newbold. Pensava que certos signos auxiliares eram deformações do papel. E bastante depressa não se falou mais nesse manuscrito.

É então que me separo de numerosos eruditos que estudaram a questão, e especialmente David Kahn, cujo admirável livro "The Code-Breakers" é a bíblia moderna dos peritos em criptografia. Aproveito a ocasião para agradecer a David Kahn ter citado uma de minhas aventuras pessoais no domínio da criptografia. Tendo, durante a ocupação alemã, necessidade de cinco tipos gráficos para terminar um trabalho, e encontrando-me à frente de jovens que fumavam como bombeiros, e que haviam sido privados de sua droga, acrescentei em minha mensagem as letras T A B A C. Londres compreendeu e 150 quilos de tabaco caíram sobre nossas cabeças, de pára-quedas, logo na lua seguinte.

A hipótese que vou emitir é pessoal. Parece-me, pelo menos, que nunca vi em nenhum lugar e que, igualmente, já li tudo, sobre o manuscrito Voynich. Para mim, Newbold apagou a pista conscientemente, pois teria recebido ameaças. Tinha relações muito estranhas com todos os tipos de seitas. Sabia bastante para entender que certas organizações secretas são realmente perigosas. E estou persuadido que, a partir de 1923, foi ameaçado, e, temendo graves represálias, deu um passo para trás. Dissimulou o essencial de seu método, e sua chave principal nunca foi encontrada.

Antes de examinarmos o que penso sobre o conteúdo do manuscrito de Voynich, é preciso primeiro resumir, rapidamente, as tentativas de decifração posteriores a Newbold. A maior parte são ridículas. Mas, a

partir de 1944, um grande especialista em criptografia militar, William F. Friedman, morto em 1970, ocupou-se dessa questão. Utilizou um ordenador do tipo R. C. A. 301. Segundo Friedman, não só a mensagem é cifrada, mas está numa linguagem totalmente artificial. Como a língua enoquiana de John Dee. É uma hipótese interessante que, talvez, seja um dia provada.

Após a morte de Voynich em 1930, os herdeiros de sua mulher venderam o manuscrito à livraria Kraus. Está disponível por 160.000 dólares. A meu ver, se o manuscrito realmente interessou John Dee é porque ele reconheceu, como na **Steganographie** de Trithème, o código de uma linguagem que ele conhecia e que não era, talvez, uma linguagem humana. Roger Bacon, como outros antes e depois dele, teve acesso a um saber que provinha, seja de uma civilização desaparecida, seja de outras inteligências. Ainda uma vez, alguns pensaram, e pensam ainda, que uma revelação que venha muito cedo, relativa a segredos de uma ciência superior à nossa, destruiria nossa civilização.

Nesse caso, perguntar-se-á, por que o manuscrito de Voynich não foi destruído? A meu ver, percebeu-se muito tarde sua existência, por volta de 1920, e então já circulava tal número de fotografias do texto que seria impossível destruí-las todas. É a primeira vez que a fotografia intervém num caso de livros malditos, e parece, certamente, que ela vai tornar difícil, posteriormente, a tarefa dos Homens de Negro. Uma vez as fotografias divulgadas não havia nada a fazer a não ser silenciar Newbold e isto sem despertar suspeitas.

Por isso ele não sofreu nenhum "acidente" e morreu naturalmente. Mas a campanha que visava desacreditá-lo e produzir traduções ridículas do manuscrito foi muito bem organizada.



Notemos, de passagem, para pessoas que se interessam pelo planejamento familiar que uma dessas falsas traduções, a do Dr. Leonell C. Strong, extraiu do manuscrito Voynich a fórmula publicada de uma pílula anticoncepcional. Mas o verdadeiro problema permanece.

Um dos objetivos da revista americana INFO, consagrada às informações de difíceis soluções, consiste na decifração do manuscrito Voynich. Até hoje, tal objetivo não progrediu muito. Parece-me que seria conveniente entregar-se mais ao manuscrito Voynich, e menos a outros problemas desse gênero. Quer se tratasse dos manuscritos de Trithème ou dos escritos incompletos de John Dee. No caso do manuscrito Voynich parece tratar-se de um texto proibido completo. Entre as poucas frases que se encontram nas publicações de Newbold, uma faz, particularmente, sonhar. É Roger Bacon quem fala: "Vi num espelho côncavo uma estrela em forma de escaravelho. Ela se encontra entre o umbigo de Pégaso, o busto de Andrômeda e a cabeça de Cassiopéia."

Foi exatamente ali que se descobriu a nebulosa de Andrômeda, a primeira grande nebulosa extragalática que se conheceu. A prova foi anunciada após a publicação de Newbold que não pôde ter sido influenciado em sua interpretação do texto por um fato que ainda não fora descoberto.

Outras frases de Newbold fazem alusão ao "Segredo das estrelas novas".

Se realmente o manuscrito Voynich contém os segredos das **novas** e dos **quasars,** seria preferível que ficasse indecifrável, pois uma fonte de energia superior à da bomba de hidrogênio e suficientemente simples de manejar para que um homem do século XIII possa com-

preendê-la, constituiria exatamente um tipo de segredo que nossa civilização não tem necessidade de conhecer. Sobrevivemos, penosamente, porque foi possível conter a bomba H. Se é possível liberar energias superiores, é melhor que não saibamos como, não ainda. Senão, nosso planeta desapareceria bem mais depressa na chama breve e brilhante de uma supernova.

A decifração do manuscrito Voynich deveria ser, a meu ver, seguida de uma censura séria antes de sua publicação. Mas quem aplicaria tal censura? Como diz o provérbio latino, quem guardará os guardiães? Pergunto-me se nunca se submeteu fotocópia do manuscrito Voynich a um grande intuitivo do tipo de Edgar Cayce, que poderia traduzi-lo sem usar o laborioso processo de decifração. Seria suficiente que ele encontrasse a chave, e os ordenadores fariam o resto. Pode-se encontrar uma foto de uma página do manuscrito Voynich, na página 855 do livro de David Kahn, já citado, edição inglesa Weidenfeld e Nicholson. Não se pode, evidentemente, deduzir dela o que quer que seja. Simplesmente, fica-se espantado com o número de repetições. Tais repetições foram aliás notadas por inúmeros especialistas de criptografia que tiraram daí conclusões contraditórias.

Mas o simples fato de se poder encontrar tais fotografias representa já uma vitória contra os Homens de Negro. E seria desejável que qualquer pessoa que tenha um documento desse tipo o difundisse, por fotografia, de maneira a mais ampla possível, evitando, dessa forma, sua destruição. Se a franco-maçonaria européia tomasse tal precaução antes da guerra de 1939-1945, documentos únicos não teriam sido destruídos. Tal destruição de documentos maçons foi efetuada por comandos especiais. Cada um desses comandos era dirigido por



um nazista assistido por franceses, belgas e outros cidadãos do país onde a destruição se efetuava. Tais comandos eram muito bem treinados. E é de se notar que os franceses que deles participaram foram beneficiados com imunidades bem estranhas durante a depuração que se seguiu à libertação de 1944. Imunidade singular com efeito, não se aplicando a não ser a esse tipo de colaboração. Enquanto colaboradores exclusivamente intelectuais, como o poeta Robert Brasillach, foram duramente castigados, especialistas da ação antimaçônica não foram tocados.

Voltando ao manuscrito Voynich, tenho excelentes razões para crer que uma versão desse manuscrito foi destruída. Com efeito, Roger Bacon tinha em sua posse um documento que, segundo ele, pertencera ao Rei Salomão e continha as chaves de grandes mistérios. Esse livro, constituído de rolos de pergaminho, foi queimado em 1350 por ordem do Papa Inocêncio VI. A razão que se deu foi que tal documento continha um método para invocar demônios.

Podemos substituir demônio por anjo, e anjo por extraterrestre, e compreender então muito bem a razão dessa destruição. É provável que se a igreja católica, em 1350, achasse o manuscrito Voynich, tê-lo-ia queimado.

Mas sabemos, agora, que estava escondido numa abadia, e que só com a pilhagem dessa abadia pelo Duque de Northumberland é que o manuscrito reapareceu, e foi levado ao conhecimento de John Dee. Segundo algumas notas de Roger Bacon, o documento que ele tinha e que provinha de Salomão, não estava em código mas em escrita hebraica. Roger Bacon notou que o documento tratava mais de filosofia natural que de magia.

Bacon escreveu também: "Aquele que escreve a respeito de segredos, de forma não escondida ao vulgo, é um louco perigoso." Escreveu em 1250 mais ou menos. Explicou em seguida esse método de escrita secreta que comporta a invenção de letras que não existem em nenhum alfabeto. Provavelmente foi o que fez para traduzir em código o que se poderia chamar de documento Salomão, mas que é mais cômodo chamar manuscrito Voynich.

A língua básica desse manuscrito é, provavelmente, a mesma língua enoquiana que John Dee aprendeu através de seu espelho negro, e da qual ouviremos falar muito no capítulo seguinte, sobre a ordem da Golden Dawn.

Encontram-se, já, traços desse livro em Flávio Josefo. É preciso não confundi-lo com a "Clavícula de Salomão" ou com "Testamento de Salomão", ou com o "Lemegeton". Todas essas compilações datam do século XVI e algumas do século XVIII.

A maior parte é totalmente desprovida de interesse e dá simplesmente listas de demônios.

O "Livro de Salomão", que pertenceu a Roger Bacon e foi queimado em 1350, era, certamente, outra coisa. Seria essa obra, assim como algumas outras "fontes insuspeitadas e interditas" como disse Lovecraft, que Roger Bacon traduziu numa língua desconhecida, e que em seguida codificou. O infeliz Newbold, provavelmente ameaçado e aterrorizado, teve que inventar métodos de decifração e manter o mito de que o texto estava escrito em latim, apesar de não estar em latim, certamente, mas em língua enoquiana.

Como Bacon obteve esse documento? Não se pode, por ora, senão sonhar e imaginar que os Homens de Negro não constituem um grupo monolítico, mas que entre



eles alguns querem revelar os segredos, e o conseguem ao menos parcialmente. Pode-se imaginar, também, que esses Homens de Negro formam uma organização terrestre localizada, que seres extraterrestres por vezes aparecem para auxiliá-los. E gostaria, a propósito, de chamar a atenção para o caso de Giordano Bruno.

Os racionalistas ligaram-se a esse mártir, e fizeram dele um homem de ciência, vítima de tendências as mais reacionárias da Igreja. Nada mais falso. Giordano Bruno era principalmente um mágico apaixonado pela magia e praticante de magia. Comparou a magia a uma espada que, entre as mãos de um homem direito, podia fazer milagres, e insistiu sobre o papel das matemáticas na magia. Para ele, a existência de outros planetas e a rotação da Terra ao redor do Sol constitui uma parte secundária de sua obra que compreende sessenta e um livros, a maior parte de magia. A existência de outros planetas habitados faz, para ele, parte da magia. Porque sabia muito sobre isso foi que, atraído para Veneza por um agente da Inquisição de nome Giovanno Mocenigo, foi entregue aos seus chefes.

Porque cria na magia e na existência de habitantes em outros planetas além da Terra, Giordano Bruno foi julgado herege impertinente e persistente, e queimado em Roma, no Campo dei Fiori, em 17 de fevereiro de 1600. Viveu na Inglaterra de 1583 a 1585, e não está excluída a hipótese de ter conhecido os trabalhos de John Dee e o manuscrito Voynich. Segundo todos os registros que temos de Giordano Bruno, ele era um homem confiante e imprudente. Visivelmente, ele falou demais.

7

# O MANUSCRITO MATHERS

O manuscrito Mathers, como a **Steganographie** e o manuscrito Voynich, está em código. Mas tem o bom gosto de estar em código de dupla transposição relativamente simples, o que permitiu sua decifração rapidamente. Vi muitas folhas dessa decifração que me pareceu correta. Essa decifração mostra a aventura oculta mais extraordinária de nossa época, a da Ordem da Golden Dawn.

Mostra, também, a redação de um conjunto de documentos mágicos, logo malditos, que, pelo que sei, nunca foi publicado, mas que já provocou muitas catástrofes.

Comecemos do início.

Um clérigo inglês, Rev. A. F. A. Woodford, passeava em Londres, ao longo da Farrington Street. Entrou na loja de um vendedor de livros de ocasião e aí encontrou manuscritos cifrados e uma carta em alemão. Isto se passou em 1880. O Rev. Woodford começou lendo a carta em alemão. Essa carta dizia que aquele que decifrasse o manuscrito podia comunicar-se com a sociedade secreta alemã "Sapiens Donabitur Astris" (S. D. A.), através de uma mulher, Anna Sprengel. Outras informa-

ções lhe seriam, então, comunicadas se ele fosse digno delas.

O Rev. Woodford, maçon e Rosa-Cruz, falou de sua descoberta a dois de seus amigos, o Dr. Woodman e o Dr. Winn Westcott, todos os dois eruditos eminentes e além do mais cabalistas. Ocupavam postos elevados na maçonaria. O Dr. Winn Westcott era "coroner", posto jurídico muito conhecido dos leitores de romances policiais ingleses. Um "coroner" desempenha ao mesmo tempo o cargo de médico legista e de juiz de instrução. Em caso de morte suspeita, reunia um júri que pronunciava um veredicto, podendo, eventualmente, haver intervenção da justiça e da polícia. Um desses seus veredictos foi célebre no século XIX; o júri concluíra que um desconhecido encontrado morto num parque londrino havia sido assassinado "por pessoas ou coisas desconhecidas". Seria bom poder afirmar que foi o Dr. Westcott quem redigiu esse veredicto, e de forma verdadeiramente estranha. Não podemos, no entanto, provar isso, mas veremos, mais tarde, que o Dr. Westcott perdeu seu posto em circunstâncias singulares.

Em todo caso, Woodman e Westcott ouviram falar da "Sapiens Donabitur Astris". Trata-se de uma sociedade secreta alemã composta sobretudo de alquimistas. Essa sociedade, graças aos medicamentos de alquimia, salvou a vida de Goethe que os médicos comuns haviam desistido de curar.

O fato é perfeitamente conhecido e a Universidade de Oxford publicou um livro: "Goethe, o Alquimista". A SDA parece existir ainda em nossos dias; estava ligada aos "círculos cósmicos" organizados por Stephan George, que combateram Hitler. O Conde von Stauffenberg, organizador do atentado de 20 de julho de 1944, fazia parte desses círculos cósmicos. O último representante



conhecido da SDA foi o Barão Alexander von Bernus, morto recentemente.

Westcott e Woodman decifraram facilmente o manuscrito e escreveram a Anna Sprengel. Receberam instruções para prosseguir nos trabalhos. Foram auxiliados por um outro maçon, um personagem indeterminado, de nome Samuel Liddell Mathers, casado com a irmã de Henri Bergson. Era um homem de cultura espantosa. mas de idéias muito vagas. Redigiu o conjunto inédito dos "rituais Mathers". Tais rituais se compõem de extratos do documento alemão original, de outros documentos de posse de Mathers, e mensagens recebidas pela Sr.ª Mathers, pela clarividência. O conjunto foi submetido à SDA na Alemanha que autorizou o pequeno grupo inglês a fundar uma sociedade oculta exterior, isto é, aberta. A sociedade chamou-se "Order of the Golden Dawn in the outer": Ordem da Aurora Dourada no Exterior. Em 1.º de março de 1888, essa autorização foi dada a Woodman, Mac Gregor, Mathers e ao Dr. Westcott. Samuel Lindell Mathers acrescenta ao seu nome o título de Conde de Mac Gregor, e anuncia que é a reencarnação de uma boa meia dúzia de nobres e de mágicos escoceses.

Em 1889, o nascimento dessa sociedade foi anunciado oficialmente. É interessante notar que foi a única vez no século XIX, assim como no século XX, que uma autoridade esotérica qualificada, a SDA, dá uma autorização para fundar uma sociedade exterior. Tal autorização nunca foi dada novamente, e não aconselho ninguém a lançar uma sociedade desse gênero sem autorização: isto seria atrair os mais sérios inimigos.

Após a morte, ao que tudo indica natural, do Dr. Woodman, a Ordem foi dirigida por Westcott e Mathers. Em 1897, Westcott teve a infelicidade de esque-

cer, dentro de um táxi, documentos internos sobre a Ordem. Tais documentos acabaram na polícia que não achou recomendável um "coroner" se ocupar de tais atividades, pois poderia ficar tentado a utilizar os cadáveres que são postos à sua disposição, para operações de necromancia. Westcott demitiu-se da Ordem, achando isto preferível.

A sociedade começou a se desenvolver e atraiu homens de inteligência e cultura indiscutíveis. Citemos Yeats, que deveria obter o prêmio Nobel de Literatura, Arthur Machen, Algernon Blackwood, Sax Rohmer, o historiador A. E. Waite, a célebre atriz Florence Farr e outros. Os melhores espíritos da época, na Inglaterra, faziam parte da Golden Dawn. O centro ficava em Londres. Seu chefe, o Imperador, era W. B. Yeats.

Havia outros centros na província inglesa, e em Paris, onde Mathers passa a residir, de preferência.

A ordem tem dois níveis:

— o primeiro, dividido em nove degraus, onde se ensina;

— o segundo, sem degraus nem graus, onde se pesquisa.

O ensinamento diz respeito à linguagem enoquiana de John Dee, cuja tradução é dada desde o primeiro grau do primeiro nível. Infelizmente, tais traduções foram destruídas ou escondidas. Não resta senão textos em enoquiano, particularmente um texto que permite ficar invisível: "Ol sonuf vaorsag goho iad balt, lonsh calz vonpho. Sobra Z-ol ror I ta nazps." Isto não se parece com nenhuma língua conhecida. Parece que se se recita corretamente tal ritual, é-se envolto por uma elipsóide de invisibilidade a uma distância média de 45 centímetros do corpo. Não vejo objeção.



O ensinamento era em língua enoquiana; sobre alquimia, e sobretudo sobre a dominação de si mesmo.

Desde o segundo degrau do primeiro nível, o candidato era tratado de maneira a eliminar todos os seus males mentais e todas as suas fraquezas. Conhecem-se uns cinqüenta tratamentos desse tipo que parecem ter bons efeitos.

Durante cinco ou seis anos, a Ordem deu satisfações a todo mundo, e todos que dela participavam dizem que mentalmente ficaram enriquecidos. Depois Mathers se pôs a fazer das suas. Em 29 de outubro de 1896 publicou um manifesto afirmando que existia um terceiro nível na Ordem. O terceiro nível era, segundo ele, constituído de seres sobre-humanos, dos quais dizia:

"Creio, no que me concerne, que eles são humanos e que vivem nesta terra. Mas possuem espantosos poderes sobre-humanos. Quando os encontro em lugares freqüentados, nada em suas aparências ou vestimentas os separa do homem comum, salvo a sensação de saúde transcendente e de vigor físico.

"Em outros termos, a aparência física que deve dar, segundo a tradição, a posse do elixir da longa vida. Ao contrário, quando os encontro em lugares inacessíveis ao exterior, trajam roupas simbólicas e as insígnias de suas ordens."

Evidentemente, pode-se pensar diversamente quanto ao conteúdo desse manifesto, e perceber a loucura de Mathers, mas é preciso pensar que ele talvez não estivesse mentindo. Tudo o que se pode dizer é que seria muito melhor que ele se calasse. De um lado, foi a partir daí sujeito a uma perseguição que o conduziu à morte em 1917. De outro lado, seu manifesto atraiu pessoas pouco recomendáveis à sociedade, como o célebre Aleister Crowley.

Personagem sinistro e sem dúvida megalomaníaco, em todo caso delirante, Crowley apareceu um belo dia de 1900 na Loja de Londres. Trazia uma máscara negra e um costume escocês. Declarou ser enviado de Mathers, designado para dirigir a Loja de Londres. A reação foi violenta. Yeats, Imperador da Loja, depôs Mathers e expulsou Crowley. A. E. Waite pôs em dúvida a existência do terceiro nível e de superiores desconhecidos.

Em 1903, Waite e um certo número de amigos demitiram-se e constituíram uma outra ordem chamada igualmente Golden Dawn. Essa ordem se manteve até 1915, depois desapareceu. O restante dos membros da Golden Dawn continuaram até 1905, depois Yeats, Arthur Machen e Winn Westcott se demitiram.

A ordem continuou bem ou mal sob a direção de um tal Dr. Felkin, depois caiu no esquecimento e se extinguiu. Assim terminou o que Yeats chamara de "a primeira revolta da alma contra o intelecto, mas não a última". Parece que Mathers retirou o conjunto de rituais que permitiram reproduzir certos fenômenos. Todas as tentativas para publicá-los foram interrompidas, pois os manuscritos pegavam fogo ou ele mesmo caía doente. Morreu em 1917 completamente alquebrado. Alguns dizem que Crowley foi seu principal perseguidor, mas Crowley pareceu, com efeito, ser apenas um megalomaníaco bem pouco perigoso.

Se o conjunto de rituais de Mathers desapareceu, um certo número de rituais ou de trabalhos feitos pela Golden Dawn foi publicado. Notadamente em quatro volumes, nos Estados Unidos, pelo Dr. Israel Regardie, e no início do ano de 1971, "The Golden Dawn its inner teachings" de R. G. Torrens BA (editor Neville Spearman, Londres).



Esse último livro tem a dupla vantagem de ser escrito de maneira racional e de dar, ao fim de cada capítulo, e ele tem quarenta e oito, uma bibliografia breve e precisa.

Por outro lado, possui-se muitos testemunhos sobre a Golden Dawn.

É possível chegar a uma conclusão. O que choca, desde logo, é um notável nível de inteligência e cultura da maioria de seus participantes. A Golden Dawn contava não somente com grandes escritores, mas também com físicos, matemáticos, peritos militares, médicos. O que é certo é que todos os que passaram pela experiência da Golden Dawn de lá saíram enriquecidos. Todos insistiram sobre o embelezamento de suas vidas, nova plenitude, senso e beleza que a Golden Dawn lhes deu.

Gustav Meyrinck escreveu: "Sabemos que existe um despertar do eu imortal".

Parece certo que a Golden Dawn sabia provocar esse despertar, e que ela realizara esse sonho eterno dos alquimistas, dos gnósticos, dos cabalistas e dos Rosa-Cruzes, para citar apenas algumas direções de procura: a transmutação do próprio homem.

Qualquer que seja o ceticismo que se possa manifestar a respeito da magia — e meu ceticismo pessoal é bastante considerável — não resta dúvida de que a Golden Dawn chegou a uma experiência mágica melhor do que qualquer outra na história da humanidade, de nosso conhecimento. Não somente logrou consegui-la, mas ainda foi capaz de ensiná-la.

Durante milênios o homem sonhou um estado de consciência mais desperto que seu próprio despertar. A Golden Dawn chegou a isso. Sem dúvida. O que parece

não tão certo, mas pelo menos provável, foi que a Golden Dawn chegou a traduzir o alfabeto enoquiano de John Dee, e que seus dirigentes leram a obra de John Dee, a de Trithème e, talvez, o manuscrito Voynich, se é que possuíam uma cópia. Isto não é de todo impossível, pois John Dee fêz muitas.

Isto admitido, a questão evidente é saber-se porque um tal acúmulo de conhecimentos e de poder não chegou a constituir uma verdadeira central de energia, uma cidadela fulgurante que teria dominado o século XX. É certo que a Golden Dawn suscitou hostilidades, mas é certo também que ela se decompôs internamente antes de sua destruição externa.

Quis-se atirar a responsabilidade dessa destruição sobre Aleister Crowley. Que este pretenso mágico era um louco varrido, é indiscutível. Além de sua loucura, que era constituída por um tipo clássico de delírio sexual, Crowley tinha o dom extraordinário de meter-se em histórias incríveis. Durante a Primeira Guerra Mundial, colocou-se ao lado da Alemanha, denunciando, violentamente, a Inglaterra. Alguns pretendem que foi ele quem, através de informações fornecidas aos serviços secretos alemães, permitiu que um submarino colhesse o transatlântico americano **Lusitânia,** cujo torpedeamento fez com que os Estados Unidos entrassem na guerra. Crowley teve um certo número de inimigos nos Estados Unidos e partiu para a Sicília onde criou uma abadia em Cefalu (atualmente tal lugar é uma vila do clube Mediterrâneo).

Um incidente deplorável aconteceu na abadia de Crowley. Um poeta oxfordiano chamado Raul Loveday bebeu, durante uma cerimônia de missa negra, o sangue de um gato, e morreu instantaneamente, o que não estava previsto. Sua viúva fez um escândalo, e sob pressão da imprensa Crowley foi expulso da Sicília em 1923.



Em seguida, viveu na Inglaterra onde tentou processar a imprensa por difamação. Os juízes decidiram que Crowley era o personagem mais detestável, que jamais haviam encontrado antes, e recusaram conceder-lhe um centavo sequer de perdas e danos morais. Caiu, em seguida, numa miséria profunda, para morrer numa pensão de família, em Hastings, em 1947. A impressão que se depreende de sua vida e obra, é a de um infeliz que poderia perfeitamente receber cuidados, e não a de um personagem perigoso. Crowley não era aliás o único escroque nas mãos dos quais Mathers caiu.

Por volta de 1900, foi vítima de uma dupla chamada Horos, que se dizia representante de Superiores desconhecidos, e que foi condenada, no ano seguinte, como escroques, simplesmente. A Golden Dawn foi, então, bastante mencionada na imprensa, e isto deve ter provocado certas demissões.

A imprensa ocupou-se, igualmente, da Golden Dawn em 1910 quando Mathers tentou impedir a saída do jornal de Crowley **Equinox** que publicava, sem autorização, rituais da Golden Dawn. Um tribunal inglês decidiu sobre o caso e o número do jornal apareceu.

O que, evidentemente, não melhorou o prestígio de Mathers; numerosos foram os que observaram que se Mathers realmente tinha poderes, poderia exterminar Crowley, ou que se Crowley os tivesse, poderia exterminar Mathers. Conhecem-se, aliás, muitos exemplos modernos de duelos de feiticeiros que não dão, geralmente, bons resultados. É certo que a ingenuidade de Mathers o prejudicou, mas não parece ser essa a causa principal do declínio da Golden Dawn.

Segundo o que pude recolher, a partir de fontes pessoais, o exercício de um certo número de poderes, e notadamente da clarividência, tornou-se uma verdadeira droga para os membros da Ordem, e desde 1905 toda espécie de pesquisa havia cessado. Parece-me que é nisto que devemos buscar a causa do mau êxito dessa aventura que poderia ter sido mais extraordinária ainda do que foi.

As diversas sociedades secundárias fundadas por dissidentes, sem autorização, como a "Stella Matutina" fundada pelo Dr. Felkin, a "Argenteum Astrum", fundada por Aleister Crowley, e a "Sociedade da Luz Interior", fundada pelo escritor Dion Fortune, pseudônimo de Mme. Violette Firth, não parecem ter prosperado.

Essa última sociedade existe ainda, e Mme. Firth escreveu novelas e romances muito interessantes.

Para ser mais completo, é necessário dizer que a Golden Dawn tinha elementos cristãos em seu seio, pertencentes à Igreja Católica anglicana, notadamente o grande escritor Charles Williams, autor de "A guerra do Graal", e o místico Evelyn Underhill.

Certos documentos da Golden Dawn dizem respeito ao esoterismo cristão e são considerados, por especialistas no campo, como extremamente sérios.

Restam, de outro lado, as obras místicas ou traduções de Mathers: **A Kabala** (1889), **Salomão, o Rei** (1889), **A magia sagrada de Abramelin** (1898). Este último livro é tradução de um manuscrito que Mathers encontrou na Biblioteca do Arsenal, verdadeira mina de documentos estranhos. Um texto bastante completo foi editado recentemente em Paris, por volta de 1962.

Temos à nossa disposição uma quantidade de elementos muito interessantes, mas o que nos falta é o ritual completo de Mathers. Esse ritual devia ser o cômputo



dos livros malditos, resumindo a maior parte desses livros e abrindo as portas a todos os fatos extraordinários. Que Mathers realizou, dessa forma, uma espécie de consciência superior que ele interpretou como um contato com Superiores desconhecidos não me parece absurdo. Que tenha havido perseguição a Mathers, também não é tão espantoso.

Entretanto, toda essa história se passa em nossa época, e Mathers dispunha da fotografia. Não é impossível que tenha tirado um bom número de fotos e que elas não tenham sido todas destruídas. Em 1967, pensou-se ter achado os rituais de Mathers. Naquele ano, uma colina às margens do Canal da Mancha deslizou, minada pelas águas, e objetos provindos da Golden Dawn, que aí haviam sido enterrados, foram tragados pelo mar. Infelizmente o exame desses objetos provou que se tratava de instrumentos de trabalho e textos de lições assim como notas tomadas ao curso de exposições. Nenhum documento vinha de Mathers.

Discutiram-se muito as influências que se exerceram nas redações de diversos cursos da Golden Dawn. Notamos, já, influências cristãs. Encontra-se, também, e sem dúvida introduzidas por Yeats, idéias de Blake. Encontra-se grande número de referências à Kabala, que provêm visivelmente dos estudos de Mathers.

O que não se encontra é a tradução da língua enoquiana em linguagem corrente e sua aplicação às experiências. O termo enoquiano, ele próprio, é curioso. Os diversos **livros de Enoch** são relativamente recentes e contam as viagens miraculosas do profeta Enoch a outros planetas, e mesmo a outros universos. Encontram-se edições que datam de 1883 e 1896.

A linguagem enoquiana de John Dee é uma outra história. Dee conhecia a lenda de Enoch, levado a ou-

tros planetas por uma criatura luminosa, e deu o nome de linguagem enoquiana à linguagem da criatura luminosa que lhe apareceu. Mas não existe o "Livro de Enoch" contemporâneo à Bíblia, como certos ingênuos crêem. Não há razões sérias para se crer que os dois livros de Enoch datem dos gnósticos. Mesmo em estado de manuscrito, não aparece antes do século XVIII.

Algumas testemunhas sobreviventes da Golden Dawn contam, com relação à linguagem enoquiana, coisas muito curiosas que não se é obrigado a crer. Falam, por exemplo, de um jogo "As peças de xadrez enoquianas", um jogo semelhante ao xadrez mas onde as peças assemelhavam-se aos deuses egípcios. Jogava-se com um adversário invisível, as peças colocadas numa metade do tabuleiro especial, movimentando-se sozinhas.

Mesmo que se descrevesse tal experiência como um tipo de escrita automática ou de telecinesia, ela tem uma certa beleza poética. Tudo nos faz lamentar ainda mais a desaparição dos rituais Mathers.

Tudo o que se pode esperar é que a desaparição não seja definitiva. Se Mathers tomou suas precauções, deve ter dissimulado em Londres ou em Paris jogos de fotografias que, um dia, reaparecerão. A menos que a misteriosa sociedade alemã SDA não se manifeste.

Alexandre Von Bernus, na "Alquimia e medicina", parece indicar que essa sociedade não está morta. Tal era, igualmente, a opinião de meu falecido amigo Henri Hunwald, que era o homem da Europa que conhecia melhor esse tipo de problema. Talvez um dia, uma nova autorização para fundar uma sociedade exterior seja dada.



8

# O LIVRO QUE LEVA À LOUCURA: EXCALIBUR

No momento em que escrevemos, um iate luxuosíssimo percorre os oceanos do globo. Traz bandeira que não é de nenhum país conhecido ou desconhecido. Tem a bordo um certo número de guardas armados, pois muitas vezes tentou-se forçar o cofre-forte do capitão; esse cofre-forte contém um livro muito perigoso cuja leitura torna louco o que lê e se chama **Excalibur.**

Para que essa história seja compreensível, é preciso referir-se à vida do proprietário do iate, um americano chamado Lafayette Ron Hubbard, e a suas duas descobertas, a dianética e a cientologia. A história de Hubbard foi, geralmente, contada de forma humorística por Martin Gardner no livro "Os mágicos desmascarados" e por mim mesmo em "Rir com os sábios". Mas um certo número de fatos novos, aparecidos no curso dos dois últimos anos, tendem a fazer admitir que tal história não é apenas extravagante. Tentarei contá-la de maneira a mais neutra possível.

Lafayette Ron Hubbard é, indiscutivelmente, um explorador e um oficial da marinha americana extremamente corajoso. Foi também — não escreveu muito no gênero — um dos melhores autores americanos de

ficção científica e do fantástico. Entre seus romances traduzidos em francês citamos "Le bras droit de la mort" (Hachette).[1]

A melhor parte de sua obra, no que concerne à ficção científica e ao fantástico, foi escrita antes da guerra de 1940. Durante essa guerra, em virtude de um ferimento que recebeu num combate com os japoneses, Hubbard sofreu a experiência da morte clínica. Foi reanimado, mas parece ter-se conscientizado que não o fora por vias normais, e ter tido percepções e sensações que nunca pôde suficientemente explicar.

Assim é que, depois da guerra, ele passou a meditar, sistematicamente, sobre o sistema nervoso humano. Acabou concebendo uma nova teoria que batizou de dianética, que comunicou a John Campbell, célebre editor de ficção-científica.

A dianética era uma espécie de psicanálise própria para seduzir os americanos. Estes são, com efeito, ávidos pelo "Faça por você mesmo" e a dianética permitia exercer seus talentos sobre qualquer um, sem necessidade de qualquer prévio estudo.

A teoria geral da dianética admite, como Freud, um inconsciente, mas enquanto o inconsciente freudiano é extremamente astucioso — era copiado do diabo — o inconsciente de Hubbard é sobretudo estúpido. Ele nos obrigava a fazer as piores asneiras pois era totalmente literal e incapaz de transcender o significante, e composto de registros ou "engrams" (Hubbard usa esse termo científico num sentido que não lhe é dado normalmente).

O inconsciente de Hubbard forma muito cedo, notadamente durante a vida do feto. E basta, sempre segundo Hubbard, que se diga a uma mulher gestante "você se obstina em andar à esquerda" para que a criança, tornada adulta, caia, sem resistência, para um esquerdismo extremado!

(1) "O braço direito da morte" — Edição francesa.



Se chegássemos a desembaraçar um cérebro de todos esses significantes, anuncia triunfalmente Hubbard, produziríamos um sujeito perfeitamente "claro". Esse sujeito "claro" desprovido de qualquer complexo, inteiramente são espiritualmente, constituiria o embrião de uma espécie humana nova, próxima ao sobre-humano. Isto poderia ser conseguido através de simples conversa com o sujeito, utilizando técnicas que Hubbard descrevia em seus artigos de "Astounding Science-Fiction" ou em seu livro "Dianetices" que, imediatamente aparecido, se tornou um "best-seller".

Hubbard começou por tratar sua mulher. Logo que se tornou "clara", ela pediu divórcio, o que obteve. Tratou, em seguida, de um amigo, que logo que ficou "claro", matou sua mulher e se suicidou. Então, a popularidade da dianética tornou-se imensa. Por volta de 1955, os americanos que se tratavam pela dianética eram milhares. Os resultados não foram tão sensacionais como no começo, mas esse pequeno jogo de salão fez logo concorrência à psicanálise.

A psicanálise tem, evidentemente, a vantagem de aplicar-se aos animais. Há nos Estados Unidos psicanalistas para cães, e não se conhecem técnicos da dianética para cães. A dianética, ao contrário, tem a vantagem de ser rápida, pouco custosa, e de apresentar a "psique" humana, não em termos complicados, mas segundo diagramas bastante iguais àqueles que permitem a qualquer um instalar em casa uma campainha elétrica. E antes de tudo é mais reconfortante.

Certos psicanalistas foram também tratados, e sem tornar-se absolutamente "claros", reconheceram que a tal dianética lhes fazia bem. Quando se lê Hubbard,

não se tem a impressão de que ele é mais louco que Reich ou Ferenczi. Talvez menos. E no que concerne às lembranças formadas durante a vida do feto, Hubbard parece ter razão. O fenômeno parece ter sido clinicamente verificado, e põe um problema que não foi resolvido: como o feto, que não tem ainda um sistema auditivo, pode entender o que se diz ao seu redor? No entanto ele o faz, isto é certo.

O que quer que seja, não se pode dizer que a dianética seja mais ou menos louca que a psicanálise. Todas as duas "caminham" menos bem que os métodos do sacerdote budista primitivo, mas caminham. Há em todo psíquico um tal esforço para o equilíbrio, que não importa qual a técnica usada para amenizar provisoriamente um psiquismo defeituoso. Tal amenização, evidentemente, não é durável, só os métodos químicos realmente podem curar.

A dianética parecia destinada a ser apenas um desses métodos curiosos como existem tantos, e foi assim que todos a consideraram. Somente que a história só estava começando. Tendo refletido sobre os defeitos da dianética, Hubbard chegou à conclusão de que esta não tratava senão das cicatrizes psíquicas devidas aos acontecimentos dessa vida terrestre, e em nenhum caso as feridas adquiridas em vidas anteriores. Criou uma nova disciplina: a cientologia.

A dianética foi um fogo de palha, mas a cientologia, com um desenvolvimento lento e progressivo, conheceu um crescimento constante que fez com que, em 1971 o movimento cientologista constituísse uma força mundial que inquietou muita gente. Tal movimento tem muito dinheiro, não se sabe de que fonte. As partes de Hubbard no trabalho original lhe trouxeram uma riqueza enorme, fala-se em dezenas de milhões de dólares.



Hubbard escreveu outros livros além de "Scientology". Notou pela informação de alguns amigos próximos, algumas lembranças de suas vidas anteriores. Tais lembranças, segundo ele, provinham de uma grande civilização galáctica da qual somos uma colônia perdida.

Reuniu essas lembranças num livro chamado **Excalibur** que deu a ler a alguns voluntários. Estes ficaram loucos e estão, segundo o que sei, internados.

Nem a dianética, nem a psicanálise, nem a cientologia, nem mesmo os medicamentos que se conhece puderam fazer algo por eles. Hubbard continuou a navegar nos oceanos e a tomar notas, enquanto desconhecidos tentavam forçar seu cofre e ler o **Excalibur.** Durante esse tempo, a cientologia desenvolveu-se a um ponto tal que chegou a inquietar. Foi assim que Charles Manson, assassino de Sharon Tate, declarou que era o representante local da cientologia. Os cientólogos negaram e Hubbard mesmo afirmou que denunciara Manson ao FBI como sendo um perigoso diabolista. Os cientólogos são acusados de dominar pessoas, de controlá-las, de teleguiá-las e de visar, com isso, à possessão do mundo.

Respondem com calma, que se dizia a mesma coisa dos primeiros cristãos.

São extremamente numerosos, sem que se possam citar cifras. Mas em 1969, uma associação inglesa que lutava por uma medicina mais racionalista e por uma condenação mais severa às medicinas paralelas, denunciou-os. Logo todos os cientólogos ingleses se inscreveram na associação e ficaram sendo a maioria rapidamente. O que prova serem eles bastante numerosos.

Certos países falam em proibir a cientologia, mas, pelo que sei, isto nunca foi feito em parte alguma. Os meios materiais enormes de que dispõem os cientólogos lhes permitem inundar literalmente o mundo de jornais, revistas, documentos. A inscrição em um curso de cientologia não é onerosa e não é isto que dá recursos ao movimento. O conselho administrativo da sociedade que, em diversos países, é registrado conforme as leis locais, reconhece que é um bom negócio. Mas sem precisar exatamente como funciona esse bom negócio.

Um dos dirigentes da cientologia inglesa declarou à imprensa: "Se alguém procura atacar-nos, investigamos sobre ele, e encontraremos algo de desfavorável que traremos ao conhecimento público". Isto efetivamente se produz, o que significa que a cientologia ou possui excelentes recursos de espionagem, ou meios para utilizar as melhores agências de detetives privados.

A cientologia não parece ser política, se bem que se denuncie, periodicamente, tal organismo como um novo nazismo ou, pelo menos, como uma variedade do rearmamento moral. Isto não parece estar provado. O que parece certo é que a cientologia drena para si clientes não somente de cultos marginais e pequenas seitas ocultas, mas de religiões tão bem estabelecidas, como o cristianismo, ou do marxismo. Ela está em progresso constante, ao mesmo tempo no plano do número e no plano do poder. Os que zombaram de Hubbard, e eu me coloco entre esses, estão, talvez, rindo muito cedo. O fenômeno da cientologia é muito curioso, e não foi ainda suficientemente estudado.

A cientologia atraiu muitos escritores de ficção-científica, mormente Van Vogt[1] que, durante certo tempo, abandonara a ficção-científica para se ocupar,

(1) Autor do famoso "best-seller" "Le monde des Ā".



exclusivamente, da cientologia. Esta não renega a dianética, mas acrescenta um conteúdo suplementar que não se pode qualificar senão como visionário. E evidentemente Hubbard, sob seu aspecto exterior de aventureiro positivo e de engenheiro instruído, é um visionário. Parece que teve uma visão quando esteve sob morte clínica, e que teve outras depois. Infelizmente, não disse grande coisa sobre os dirigentes da cientologia, que parecem acolher no movimento homens de negócios, mas também outros personagens.

Ao nível do contato com o público, ao nível, igualmente, do ensinamento elementar da cientologia, encontram-se pessoas extremamente convencidas e, ao que parece, sinceras. Não saberia dizer exatamente o que se passa em nível superior. Em conseqüência da filosofia de Max Weber, chama-se geralmente "efeito carismático" a influência de um ser humano sobre outro. A cientologia agrupa pessoas que possuem efeito carismático muito elevado.

O que quer que seja, a reunião de membros de um grupo de cientologia ao redor de seu chefe, e por causa da cientologia geral, é de uma natureza fanática. A tal ponto que muitas queixas apareceram contra os grupos.

Contrariamente à Golden Dawn, a cientologia tornou-se uma central de energia que exerce um poder real passavelmente inquietante. O que não aconteceu com a dianética. Qualquer coisa foi injetada na estrutura de um movimento que estava declinando e que parecia uma seita dissidente e simplificadora da psicanálise; e esse movimento foi transformado em instrumento utilizado para fins que não sabemos ainda. O período da diversão acabou e podemos perguntar o que foi introduzido na dianética para criar um movimento assim tão dinâmico como é a cientologia.

Como no início de todas as religiões há um Livro. A esta cabe o livro **Excalibur** que, ao invés de ser difundido, é cuidadosamente guardado como o talismã secreto da nova religião. O fenômeno é curioso, pois em casos análogos como os Mormons ou os Babistas o livro-base — livro de Joseph Smith para os Mormons, Profecias de Bab para os Babistas — foi largamente difundido. No que concerne à cientologia, assiste-se, ao mesmo tempo a um esforço extremamente moderno de propaganda e a uma organização que esconde um livro secreto que se poderia dizer maldito. Não se sabe o que aconteceu às pessoas que o leram: tornaram-se loucos simplesmente lendo-o, ou tentaram certas experiências?

(Respondo aqui a uma questão que me é feita com freqüência: por que não tentei transformar o movimento nascido do "Despertar dos Mágicos" e de "Planète" numa espécie de pára-religião? Responderia simplesmente que num estado de ignorância total da dinâmica dos grupos humanos, pareceu-me extremamente perigoso lançar novos movimentos pára-religiosos. Numa admirável novela de Catherine Mac Lean "O efeito bola de neve" que traduzi para o francês[1] para o "Nouveau Planète n.º 2", vê-se um grupo de senhoras que se ocupam, numa pequena vila americana, de coletar vestimentas, arrumá-las e dá-las aos pobres. Sociólogos imprudentes lançaram a esse grupo uma estrutura dinâmica que acabou virando uma bola de neve que foi pegando outros grupos. E esse microcorpúsculo acabou conquistando o mundo. . . Esse tipo de coisa é, a meu ver, inteiramente possível, e por isso cuidadosamente cortei qualquer tentativa de formação de uma pára-religião a partir do movimento Planète.)

1 "L'effet boule de neige".



Ao nível do público, o ensinamento cientológico parece-se bastante com a dianética primitiva, sob uma forma mais razoável. Pretende aumentar a intensidade da consciência em pessoas tratadas, e talvez o consiga. Isto não acontece sempre. Por exemplo, o autor de ficção-científica americano Barry Malzberg conta no início de 1971 como tendo visto no metrô de Nova Iorque, cartazes de propaganda de cientologia, decidiu tomar lições. Isto não o levou adiante, mas talvez não tivesse boas vibrações iniciais. . .

O que é ensinado em nível superior, ignoro-o. A literatura de promoção diz respeito a informações provenientes de épocas em que a Terra não era ainda uma colônia perdida, mas fazia parte da humanidade galáctica. Isto parece ficção-científica, mas a bomba de hidrogênio e a viagem à Lua pareciam também. Seria preciso ver a coisa mais de perto.

É interessante notar igualmente que a cientologia se declara perseguida por pessoas bastante análogas no fundo, àquelas que chamo Homens de Negro, cuja existência postulo neste livro.

Deixando de lado Hubbard, que parece fora de circuito, voluntariamente ou não, não se sabe muito bem o que está atrás da cientologia. Cai-se num paradoxo bastante curioso: por que os homens e mulheres da Golden Dawn, tão brilhantes e por vezes geniais, não chegaram a criar um centro de energia? E por que os indivíduos anônimos da cientologia conseguiram isto?

Pode-se tirar razões da dinâmica dos grupos. Não se pode, talvez, formar um grupo juntando gente de personalidade poderosa. É preciso, quem sabe, uma hierarquia que parece existir na cientologia e que não parece ter existido de maneira marcante na Golden Dawn.

Pode-se dizer ainda, com certa ironia, que a Golden Dawn dirigia-se a uma elite muito limitada de pessoas excepcionais, enquanto que a cientologia se dirige a pessoas medianas.

Os membros dos grupos cientologistas me sugerem uma terceira resposta: para eles, a cientologia se mantém porque é científica, enquanto a Golden Dawn era um amontoado de superstições e práticas mágicas.

É-me difícil considerar esta resposta válida, pois a leitura da documentação que a própria cientologia difunde, mostra que não se trata de uma ciência, ao menos no sentido habitual do termo. É uma mística análoga ao freudismo. Como o freudismo, é preciso aceitar sem discutir afirmações das quais não se tem nenhuma prova. Ademais, enquanto a Golden Dawn parece ter resolvido o grande mistério do despertar, não se vê nada análogo na cientologia. E, contudo, esta prospera e prospera segundo uma estrutura que parece aquela para a qual tendia a Golden Dawn.

Como na Golden Dawn, trata-se de um apelo às forças profundas e desconhecidas que existem nos domínios que a psicologia corrente, mesmo aperfeiçoada por Jung, não pode alcançar e dos quais nega a existência. Para a Golden Dawn eram os "planos superiores" existentes acima do despertar. Para a cientologia, trata-se de um super-hiper-inconsciente estendendo-se ao passado até épocas que nenhum código genético razoável pode dar conta. Certos documentos cientológicos falam de setenta e dois milhões de anos. Parece muito.

Evidentemente, é fácil taxar esse tipo de idéia de aberração, o que estou tentado a fazer. Entretanto, a existência do fenômeno não é duvidosa, e pode-se perguntar até onde se desenvolverá.



A dinâmica marxista da História não tem mais base científica como o Prêmio Nobel Jacques Monod acaba de mostrar pela nona vez no "O acaso e a necessidade". O que não impede que um homem, em cada dois, viva em regimes marxistas.

Numa mesa-redonda sobre as viagens à Lua, ouvi um erudito do Islão dizer que a Lua era habitada. A viagem lunar não o provou, mas isto não abalou o Islão.

Uma vez que um grupo humano tenha começado a fazer bola de neve sob o efeito de forças dinâmicas das quais tudo ignoramos, é extremamente difícil, e talvez impossível, pará-la. Não está, em todo caso, excluído que a cientologia dá a uma certa juventude o que o esquerdismo e o LSD não puderam dar, e não se vê expandir-se eventualmente sustentada pelas armas.

Por isso, essa questão de saber o que existe exatamente no **Excalibur,** de saber até que ponto a doutrina secreta da cientologia, se há uma, deriva de um livro maldito, merece ser examinada. E não penso que se possa elucidar esse gênero de problema dizendo simplesmente que Deus está morto, e que é preciso qualquer coisa ou alguém que o substitua. Penso que houve químicos, antes que se descobrisse o átomo e a teoria exata da química baseada sobre a mecânica ondulatória.

Da mesma maneira, estou persuadido de que há praticantes da dinâmica de grupo, incapazes de explicar o que fazem, no entanto obtém resultados, enquanto que um sociólogo científico médio seria incapaz de eleger-se numa vila de cinqüenta habitantes.

Penso que Hitler ou Hubbard fazem parte desses sociólogos amadores que obtém de maneira empírica resultados espantosos.

No meu entender, entretanto, esses praticantes só podem funcionar se atrás deles houver um grupo de or-

ganizadores ou de planificadores. Sabemos muito bem qual o grupo que se encontrava atrás de Hitler, ignoramos tudo sobre o grupo que se encontra atrás de Hubbard, e notadamente sobre o financiamento das operações, e seus objetivos definitivos. Se há, realmente, atrás de Hubbard um livro maldito, seria desejável que ele tivesse feito dele muitas fotocópias e que as tivesse colocado em lugar seguro, espalhando-as pelo mundo. Se não, eu não ficaria surpreso se um dia o seu iate sofresse um acidente.

A teoria de Hubbard é falsa certamente, mas dá, talvez, resultados justos. Não é a primeira vez que esse tipo de coisa acontece.

Não se fez, ainda, estudo sociológico sobre as pessoas atraídas pela cientologia. A dianética, como a psicanálise, atraiu principalmente loucos. Freud mesmo, numa primeira fase de sua carreira, ao que indica, parece ter ficado louco furioso: praticava a numerologia e acreditava nas piores superstições. Diz-se que ele ficou são em sua segunda fase, depois que fez sua auto-análise, mas tenho dúvidas.

Como diz, justamente, G. K. Chesterton: "O louco não é aquele que perdeu a razão, o louco é aquele que perdeu tudo, menos a razão". A cientologia começou a entrar numa fase em que atrai em massa pessoas que poderíamos chamar de normais? Em que proporção? Isto seria interessante saber.

Gostaria muito, correndo os riscos e perigos, de dar uma olhada no **Excalibur.**



## 9

## O CASO DO PROFESSOR FILIPPOV

Na noite de 17 para 18 de outubro de 1903, o sábio russo Mikhail Mikhailovitch Filippov foi encontrado morto em seu laboratório. Fora, sem dúvida, assassinado por ordem de Okhrana, polícia especial do tzar. A polícia apreendeu todos os trabalhos do sábio, notadamente o manuscrito de um livro que deveria ser sua 301.ª publicação. O Imperador Nicolau II examinou, ele mesmo, o processo, depois o laboratório foi completamente destruído e os papéis queimados.

O livro apreendido chamava-se: "A revolução pela ciência ou o fim das guerras". Não era um livro unicamente teórico. Filippov havia escrito a amigos — e suas cartas devem ter sido abertas e lidas pela polícia secreta — que havia feito uma prodigiosa descoberta. Havia, com efeito, encontrado um meio de transmitir por rádio, sobre um feixe dirigido de ondas curtas, o efeito de uma explosão. Escrevera numa das cartas que foram, efetivamente, encontradas: "Posso transmitir sobre um feixe de ondas curtas toda a força de uma explosão. A onda explosiva se transmite integralmente ao longo da onda eletromagnética portadora, o que faz com que um cartucho de dinamite explodindo em Moscou possa transmitir seu efeito até Constantinopla. As ex-

periências feitas mostram que tal fenômeno pode ser produzido a milhares de quilômetros de distância. O emprego de uma tal arma na revolução faria com que os povos se levantassem e as guerras se tornassem totalmente impossíveis."

Compreende-se que uma ameaça desse tipo tenha espantado o imperador e que o necessário seria uma ação rápida e muito eficaz.

Antes de entrar nos detalhes do caso, damos algumas indicações sobre o próprio Filippov.

Sábio eminente, havia publicado trabalho de Constantin Tsiolkovsky: "A exploração do espaço cósmico por engenhos à reação". Sem Filippov, Tsiolkovsky teria ficado tão desconhecido, que é a Filippov que devemos, indiretamente, o Sputinik I e a astronáutica moderna. Filippov traduziu igualmente para o francês, fazendo com que o mundo inteiro pudesse conhecê-la, a obra capital de Mendeleev "As bases da química" onde se encontra a famosa lei de Mendeleev que dá uma tábua periódica dos elementos.

Filippov criou também uma importante revista de vulgarização científica, em alto nível, a primeira na Rússia, que se chamava "Revista da Ciência".

Era marxista convicto e procurava difundir as idéias marxistas, apesar do perigo dessa difusão. Tolstoi anota em seu diário, em 19 de novembro de 1900: "Discuti marxismo com Filippov; é muito convincente".

Mas Filippov não se limitava a ser um grande sábio, foi também um dos grandes escritores russos. Publicou, por volta de 1880, "O cerco de Sebastopol", romance que Tolstoi e Gorki concordaram em que é admirável.

Pode-se perguntar como uma vida tão breve — Filippov foi assassinado quando tinha quarenta e cinco



anos — pôde ser tão completa. Redigiu uma enciclopédia inteira, criou uma revista que agrupou todos os sábios russos e que publicou, igualmente, artigos de escritores como Tolstoi e Gorki. Toda sua vida trabalhou não somente para a difusão da ciência mas também pela do método científico.

Seu filho, Boris Filippov, que ainda vive, publicou sobre seu pai uma biografia: "O caminho semeado de espinhos", duas vezes reeditada pelas Edições da Ciência em Moscou, nos anos de 1960 e 1969.

Filippov estudou também a estética do ponto de vista marxista, e sua obra nesse campo, como em muitos outros, ficou clássica. Influenciou bastante Lenine e temos razão para pensar que ele foi o autor da famosa frase: "O comunismo é os Soviets mais a eletrificação". Ele despertara em Lenine o interesse pela investigação científica avançada, e é parcialmente responsável pela expansão da ciência soviética.

Eis o personagem: vulgarizador científico, grande escritor, experimentador, teórico das relações entre ciência e marxismo, revolucionário convicto, perseguido pela polícia desde o assassinato do Imperador Alexandre II.

Que pensar da realidade de sua invenção? Lembremos primeiro que uma invenção muito semelhante acaba de ser realizada nos Estados Unidos: o que se chamou impropriamente de bomba a árgon.

O princípio dessa invenção é conhecido: a energia fornecida pela explosão de um cartucho de dinamite ou de um pedaço de plástico num tubo de quartzo comprime o árgon gasoso que se torna intensamente luminoso. Essa energia luminosa é concentrada num raio laser e transmitida, assim, em forma de luz, a grande distância.

Chegou-se já a incendiar uma maquete de avião em alumínio a uma altura de mil metros. O sobrevôo de

certas regiões dos Estados Unidos é, atualmente, interditado aos aviões pois se fazem experiências desse tipo. E espera-se poder instalar esse dispositivo em foguetes e servir-se dele para incendiar outros foguetes, o que constituiria uma mostra eficaz, mesmo contra o foguete múltiplo portador de bomba H.

Uma forma incompleta do aparelho de Filippov foi pois efetivamente realizada.

Filippov não conhecia, certamente, o laser, mas estudava as ondas ultracurtas, de comprimento de cerca de um milímetro, que produzia por meio de um gerador à centelha. Publicou alguns trabalhos a este respeito. Ora, mesmo hoje, as propriedades desse tipo de ondas não são totalmente conhecidas, e Filippov teria podido encontrar um meio de converter a energia de uma explosão em um feixe estreito de ondas curtas.

Pode parecer surpreendente que um sábio isolado pudesse fazer uma descoberta tão importante, descoberta totalmente perdida. Mas existem muitos argumentos contra tal objeção.

De início, Filippov não era um sábio inteiramente isolado. Era relacionado com os maiores espíritos científicos, do mundo inteiro, lia todas as revistas e era dotado de um espírito enciclopédico capaz de operar na fronteira de muitas ciências e fazer delas uma síntese.

De outro lado, apesar de tudo o que se conta sobre as equipes científicas, não é menos verdade que as descobertas são ainda feitas por indivíduos. Como dizia Winston Churchill: "Um camelo e um cavalo preparados para um comitê".

As grandes descobertas de nossa época, notadamente no domínio da física, foram feitas por indivíduos: o efeito Mossbauer, que permite medir os menores comprimentos pela radioatividade; o princípio da não conservação da igualdade que transformou toda nossa concepção do mundo, mostrando que a direita e a esquerda são realidades objetivas no micro-universo; o efeito Ovshansky que permite fabricar vidros dotados de memória. Enquanto grandes equipes como a C. E. A. ou o C. E. R. N. nada descobriram de novo, apesar de terem consumido centenas de milhões. Filippov não tinha muito dinheiro, mas não tinha formalidades administrativas a observar para obter um aparelho, o que lhe permitia avançar mais depressa.



De outro lado, Filippov trabalhava quando a ciência das hiperfreqüências estava em seu começo, e os pioneiros têm em geral uma visão clara dos territórios que só serão descobertos séculos mais tarde.

De minha parte, estou persuadido de que Filippov realizou, em seu laboratório, experiências concludentes, provando que seu processo podia ser generalizado.

Façamos, por instante, o papel de advogado do diabo, e perguntemos se o Imperador Nicolau II, da Rússia, mandando assassinar Filippov e destruir seu livro e trabalhos, não teria salvado o mundo da destruição.

A questão merece ser posta. Filippov foi assassinado em 1903. Se houvesse publicado seu trabalho, este teria sido, certamente, aplicado na guerra de 1914-1918. E todas as grandes cidades da Europa, e talvez da América, poderiam estar destruídas.

E durante a guerra de 1939-1945? Hitler, possuindo o processo de Filippov, não teria destruído completamente a Inglaterra, e os americanos o Japão?

É de temer-se que não devamos responder a essas questões afirmativamente. E não está excluída a hipótese de que o Imperador Nicolau II, geralmente aviltado,

não deva ser colocado entre os numerosos salvadores da humanidade.

Que aconteceria hoje se alguém encontrasse um meio de utilizar o processo Filippov para transmitir, à distância, a energia das explosões nucleares, das bombas A e H? Isto seria, evidentemente, o apocalipse e a destruição total do mundo.

E este ponto de vista, quer se trate da invenção de Filippov, ou de outras invenções, começa a ser largamente partilhado. A ciência moderna admite que ela se torna, hoje, muito perigosa e nós citamos em nosso prefácio advertências de sábios eminentes.

São advertências graves. Os dirigentes do movimento "Survivre", os padres Grothendieck e Chevalley não ficam, aliás, apenas nisso, mas tentam isolar completamente a ciência e impedir qualquer observação entre sábios e militares. Assim, dever-se-ia, igualmente, impedir a colaboração de sábios com revolucionários, de qualquer tendência política que possam ser. Imaginemos contestadores que, ao invés de borrarem a porta dos edifícios, fariam explodir, graças ao processo de Filippov, os Campos Elíseos, ou Matignon!

A invenção de Filippov, quer seu emprego seja militar ou revolucionário, me parece ser daquelas que podem aniquilar totalmente uma civilização. As descobertas dessa ordem devem ser isoladas.

E, entretanto, elas podem, igualmente, ter aplicações pacíficas. Gorki publicou uma entrevista que teve com Filippov, e o que marcou o escritor foi a possibilidade de transmitir a energia à distância e industrializar, dessa forma, mais depressa o país que precisasse disso. Mas não fala de uma aplicação militar.

Glenn Seaborg, presidente da comissão americana de energia atômica, evocou, o ano passado, possibilidades análogas: uma energia que viria do céu sobre um feixe de ondas e que permitiria industrializar quase instantâneamente um país em vias de desenvolvimento, isto sem criar nenhuma poluição. Ele não fala também de aplicações militares, mas sem dúvida isto não é de sua competência.



A extraordinária personalidade de Filippov começa a interessar cada dia mais o público soviético e os escritores. O grande poeta Léonid Martinov consagrou-lhe, recentemente, um poema intitulado "A balada de São Petersburgo".

Fatos novos aparecem constantemente. Um deles, surgido em 1969, destruiu uma lenda muito bonita.

Na "Revista da Ciência" apareciam resumos de livros assinados por V. Oul, e pensou-se que tal assinatura indicaria Vladimir Oulianov, isto é, o próprio Lenine. Seria interessante estabelecer, assim, uma ligação direta entre Lenine e Filippov. Infelizmente, a investigação moderna mostrou que tais resumos eram de fato de um tal V. D. Oulrich. Isto impede colocar-se Lenine entre os colaboradores da revista.

Mas Lenine conheceu a fundo a obra de Filippov, que certamente o influenciou bastante. A célebre passagem de "Materialismo e Empiriocriticismo" sobre o caráter inesgotável do elétron, vem diretamente de um trabalho de Filippov.

Filippov era ao mesmo tempo um sábio desejoso de publicar e um revolucionário. Como indicamos anteriormente, sua descoberta sobre a transmissão da energia da explosão deveria constituir sua 301.ª publicação, e ele a teria certamente revelado, sem dar conta que iria assim destruir o mundo.

Porque pensar, e parece que ele o fazia, que os povos munidos da arma que ele lhes dava, fossem depor

reis e tiranos, e, graças ao marxismo, estabelecer a paz universal, parece-me ingenuidade. Estamos ameaçados, atualmente, de uma guerra entre os dois maiores países marxistas, a URSS e a China.

Se todos os dois dispusessem de uma bomba H transportada por foguete, os estragos seriam consideráveis. Se reinventassem, os dois, o dispositivo Filippov, destruir-se-iam mutuamente. Ora, o passo não é grande entre a bomba a árgon e o dispositivo Filippov.

Por isso deve-se esperar que o conflito URSS-China, que alguns consideram como inevitável, não se efetive.

Mas o problema da aplicação das ciências e das técnicas para a guerra continua. A maior parte dos congressos científicos chegam cada vez mais à conclusão de que é preciso esconder certas descobertas e adotar atitude semelhante a dos antigos alquimistas; senão o mundo perecerá.

Não é a justificação das idéias dos Homens de Negro, mas a indicação de um problema que existe.

Fred Hoyle, atacando o problema num outro ângulo, escreveu no livro "Os homens e as galáxias" (Buchet Chastel):

"Estou persuadido de que é possível escrever cinco linhas apenas que bastariam para destruir a civilização".

Hoyle é hoje, certamente, o homem melhor informado do planeta no que concerne à ciência moderna, e ao que ela pode fazer.

O caso Filippov parece constituir uma nova fase, importante, na história dos livros malditos.

Ao invés de voltar a um saber muito antigo, o manuscrito Filippov dava a chave de descobertas bem modernas baseadas na experiência e nas teorias gerais de Marx. Filippov era um espírito enciclopédico, que sabia



sem dúvida tudo o que se poderia saber sobre as ciências no ano de 1903. Por isso foi capaz de efetivar sua descoberta, descoberta que o levou à morte.

Podemos perguntar se outras descobertas análogas não foram feitas e, como sempre, destruídas ou dissimuladas.

O Presidente Richard Nixon ordenou, recentemente, a destruição de todos os estoques de armas bacteriológicas, cuja base são os micróbios e vírus. Ordenou, igualmente, que se destruíssem os arquivos referentes a esse campo? Nada menos certo, e talvez surja, um dia, um sábio americano que escolherá a liberdade e descreverá seus trabalhos, permitindo, assim, fabricar o que **sir** Richie Calder batizou de "o micróbio do julgamento final".

É preciso reconhecer que aqueles que destruíssem esse manuscrito seriam benfeitores da humanidade.

Tem-se desprezado muito o segredo militar. É, por vezes, ridículo, mas pode impedir a divulgação de armas extremamente perigosas.

Do mesmo modo, é evidente que os segredos da alquimia não possam ser divulgados. Se é possível fabricar uma bomba de hidrogênio num forno à gás, o que creio possível, pessoalmente, é preferível que o processo de fabricação não seja dado a público.

Pois ainda é muito bom viver num período de contestação, desde que os estragos dessa contestação sejam limitados. Se cada grupo, ou cada pequeno país contestador pudesse, para protestar, destruir Paris ou Nova Iorque, a civilização não duraria muito tempo.

Não esqueçamos que em nossos dias qualquer um pode, com investimentos mínimos, constituir um laboratório que Curie ou Pasteur teriam invejado. Pessoas

já fabricam, em suas casas, o LSD ou a fenilciclidina, droga ainda mais perigosa.

Se qualquer um, hoje, conhecesse o segredo de Filippov, poderia certamente encontrar no comércio todas as peças necessárias para construir o aparelho, e, sem nenhum risco pessoal, fazer explodir, a muitos quilômetros de distância, pessoas que lhe desagradassem.

Pessoalmente, tenho também minha lista de pessoas que me desagradam e de edifícios que julgo medonhos, e gostaria de eliminá-los. Mas se todos pudessem chegar a esse resultado com plástico roubado a um canteiro de obra e um projeto Filippov feito em casa, mal poderíamos sobreviver.

Existe, diz-se, listas de invenções muito perigosas. Uma dentre elas, estabelecida pelos militares franceses, tem, nada menos, que 805 nomes. Se alguém redige um texto que as exponha todas e o publica, bateríamos o recorde de livros malditos.

Pode-se imaginar, também, um manuscrito do tipo Fred Hoyle, que não conteria invenções perigosas, mas idéias perigosas, essas "frases de cinco linhas" que podem mudar o mundo. Se alguém redigir esse manuscrito, poderá dedicá-lo à memória de Mikhail Mikhailovitch Filippov.



10

# A DUPLA HÉLICE

A obra do Padre James D. Watson, **A Dupla Hélice,** encontra-se, atualmente, em todas as livrarias. Foi traduzida para o francês nas edições Robert Laffont. Existem, igualmente, edições inglesas encadernadas e uma edição em livro de bolso.

Por que escolher essa obra para terminar esse trabalho sobre os livros malditos? Porque ela desapareceu de circulação por duas vezes: primeiro porque ninguém queria editar, e depois porque ninguém queria assumir os riscos.

E ainda porque a aventura dessa obra nos esclarece sobre a natureza da censura, os motivos das interdições e mesmo a natureza da própria ciência.

Comecemos pelo personagem. O Padre James D. Watson nasceu em Chicago, no ano de 1928; em 1950 doutorou-se em ciências pela Universidade de Indiana e trabalhou, em seguida, em Copenhagen e em Cambridge, onde fez extraordinárias descobertas no domínio da hereditariedade. Em 1962, ele recebeu o Prêmio Nobel, juntamente com Francis Crick e Maurice Wilkins, pela descoberta da estrutura molecular do ácido "hereditário" ADN. A molécula deste ácido forma uma dupla hélice (notamos, e aqui a nota é pessoal e não deve

ser atribuída a Watson, que essa hélice se assemelha estranhamente ao caduceu, antigo símbolo da medicina).

Tal descoberta é considerada, de maneira geral, como uma das mais importantes do século. Ela conduziu à decifração do código genético e abriu a porta a um controle pela inteligência humana da hereditariedade e das mutações.

A propósito desse tipo de investigação, denominada biologia molecular, Fred Hoyle escreveu: "Dentro de vinte anos os físicos, que não fazem mais que inofensivas bombas de hidrogênio, vão trabalhar em liberdade. Mas os biologistas moleculares trabalharão atrás de barreiras eletrificadas".

Uma descrição dessa grande descoberta, feita por um de seus autores, teria tido, segundo qualquer previsão, um grande sucesso. Mas quando fragmentos do livro apareceram na "Atlantic Monthly" a confusão se fez. E quando o manuscrito circulou a confusão se transformou em furor.

Pois o Padre Watson metia os pés pelas mãos e fazia-o prazerosamente. Em seu livro o meio científico, longe de aparecer como uma reunião de almas nobres à procura da verdade, parecia uma guilhotina onde cada um colocava seus vizinhos em situações as mais detestáveis. Poder-se-ia dizer que a máfia seria uma comparação imaginável para o meio científico.

Teses desse gênero não eram novas, Georges Duhamel e Jules Romains já haviam feito descrições desse tipo. Mas era a primeira vez que um autêntico e genial sábio, Prêmio Nobel, acendia o estopim. Ainda por cima, o livro não concluía sobre uma nobre prosopopéia da verdade em marcha, mas sobre a imagem do Padre Watson buscando uma âncora em Saint-Germain-des-Près.



Tentaram-se todas as pressões possíveis sobre os editores. Sem sucesso. Então, os sábios conluiaram-se para não fazer caso. Um cientista eminente declarou à grande revista inglesa, "Nature": "Poderão encontrar, mais facilmente, um clérigo prestando contas sobre um livro pornográfico do que um sábio falando da **Dupla Hélice**".

O livro, entretanto, prosperou. Teve uma edição americana, uma edição encadernada inglesa de Weindenfeld e Nicholson em 1968, uma edição Penguin Books em 1970, uma tradução francesa, traduções no mundo inteiro.

**É preciso** ler **A Dupla Hélice.**

Assim, não farei longas citações sobre esse livro.

Notemos simplesmente, que o Padre James D. Watson ressaltou muito justamente:

"Contrariamente à idéia popular que sustentam os jornais e as mães dos sábios, um número considerável de sábios não somente são estreitos de espírito e não são nada tolos, mas completamente idiotas". Isto me lembra a nota de um eminente amigo que tendo participado de uma reunião da fundação Nobel, onde 18 Premios Nobel estavam presentes, me disse quando voltou: "A porcentagem de cretinos entre os Premios Nobel é a mesma de todos os lugares".

Em **A Dupla Hélice** não se vê apenas cretinos. Vê-se aí, também, pessoas sem escrúpulos que lutam pelo poder, que atiram cascas de banana aos pés daqueles que têm idéias novas, e que dão mais importância aos ódios pessoais que aos interesses da ciência. A única coisa que conta para eles, são os créditos e recompensas.

Quanto ao jovem Padre Watson — tinha vinte e cinco anos quando de sua descoberta — não esconde

que o essencial de sua atividade é consagrado à freqüência de arrebatadoras jovens vindas à Inglaterra.

Conheço muitos cientistas que torceriam o pescoço de Watson se pudessem, mas infelizmente já é tarde. As tentativas de impedir o livro não deram certo e Watson pôde exprimir o que pensava, francamente. No prefácio, **sir** Lawrence Bragg, eminente especialista em raios X e filho do sábio que descobriu a difração dos raios X, tenta salvar a situação: "Os que figuram neste livro, diz ele, devem lê-lo com um espírito cheio de perdão. A situação era em geral mais complexa e os motivos das pessoas com quem ele fizera negócios menos tortuosos do que Watson o compreende".

É possível. Nada modifica o fato de este livro ser de uma franqueza desarmante. De seu colega Francis Crick, Watson escreveu: "Nunca o vi num momento de modéstia". E mais além, sempre de Crick: "Ele fala depressa e com voz forte não se importando com ninguém, e basta ouvi-lo falar para notá-lo em toda Cambridge".

Um certo número de retratos desse gênero fazem, evidentemente, o deleite de todos, mas, para empregar uma palavra de linguagem publicitária, é sobretudo a imagem de marca da ciência e dos sábios que recebeu um golpe do qual dificilmente se recuperará, se é que o conseguirá.

Numa outra época, ou em outras circunstâncias políticas, sob outros regimes, o livro não teria podido aparecer, e Watson seria recolhido a um campo de concentração como foi feito na URSS com o geneticista Vavilov.

Watson destruiu de passagem um certo número de clichês. Por exemplo, o mito do trabalho em equipe: dois a três sábios com pouco material e poucos diplomas (Francis Crick não era sequer doutor quando descobriu,



com Watson, a estrutura do ADN) fizeram uma das maiores descobertas de todos os tempos.

O mito das matemáticas aplicadas também cai: Crick e Watson utilizaram cálculos que não passaram de regra de três, muito bom senso, e modelos mecânicos que pediram a um mecânico para fazer. Bem entendido, não se serviram de nenhum ordenador.

O Padre Watson ensina, agora, biologia molecular e bioquímica na Universidade de Harvard (EUA), onde continua, provavelmente, a fazer das suas. Descobriu a ferramenta mais poderosa que a humanidade dispõe hoje. Pois espera-se poder modificar a estrutura do ADN e introduzi-lo, assim modificado, no organismo humano, para produzir seja seres humanos melhores, seja o escalão superior, o homem depois do homem, o mutante sobre-humano.

O que é simpático em Watson é que não manifesta nenhuma falsa modéstia. Escreve com toda simplicidade: "Descobrimos o segredo da vida". E ele tem razão, é o grande segredo que permitirá à espécie humana controlar sua própria hereditariedade.

Certos sábios pensam que não somente o livro de vulgarização de Watson, mas também o seu trabalho propriamente dito, deveriam ser destruídos. Um famoso biologista, **sir** McFarlane Burnet, escreveu: "Há coisas que não deveriam ser conhecidas, pois são muito perigosas para o ser". Outros geneticistas, ao contrário, acham que deve abrir-se o campo. O Prêmio Nobel Marshall W. Nirenberg escreveu: "Penso que daqui a vinte anos programar-se-ão células humanas com material sintético, e células bactericidas daqui somente cinco anos."

Escreveu isto em 1969 e tudo deriva de trabalhos feitos por dois jovens com pouquíssimos meios! Mas

tinham coragem e idéias. E por isso a **Dupla Hélice** trouxe um golpe duro à ciência respeitável e ao grande negócio científico que se chama megaciência.

Esse livro mostra que o que conta não são os créditos — Watson ganhava cem dólares apenas — mas a inteligência. E não se pode deixar de perguntar por que as enormes organizações megacientíficas, que gastam milhões de dólares, não conseguem nenhum resultado, enquanto que alguns jovens, num laboratório venerável que traz o nome ilustre e misterioso de Cavendish, transformam o mundo.

Crick ironiza a propósito desses encontros onde se reunem 2000 bioquímicos que falam, falam sem parar, enquanto todo mundo vai saindo. E entre os raros acadêmicos que não são soníferos, assinala o francês Jacques Monod que, depois, obteve o Prêmio Nobel e escreveu uma obra notável: "O acaso e a necessidade" que já tive ocasião de citar.

Notemos que Watson descobriu algo novo, os sexos de bactérias, do qual se ignorava a existência. Todos seus livros, todas suas publicações estão cheias de idéias novas.

E é aí que se põe o verdadeiro problema que ultrapassa a própria **Dupla Hélice:** o problema do abafamento e da censura das descobertas, o problema dos Homens de Negro. Bertrand Russel escreveu muito bem: "Os homens temem o pensamento original mais do que qualquer coisa sobre a Terra, mais do que a ruína, mais que a própria morte". Ora, esse pensamento original se manifesta na **Dupla Hélice,** com mais energia que em qualquer outro livro recente, e foi isto, parece-me, mais que a descrição de ódios e de lutas do mundo científico que inquietou, e inquieta ainda.



As conseqüências da descoberta de Watson e de seus colegas foram estudadas por grupos de especialistas e uma tábua foi feita, que aparece no livro de G. Rattray Taylor, "A revolução biológica" (edição francesa Robert Laffont). Uma tábua análoga à estabelecida pelos peritos da Rank Corporation.

**Primeira fase daqui ao ano 1975:**

— Transplante sistemático de membros e órgãos.
— Fertilização de óvulos humanos em tubos de ensaio.
— Implantação de óvulos fertilizados em uma mulher.
— Conservação indefinida de óvulos e espermatozóides.
— Determinação, à vontade, do sexo.
— Retardamento indefinido da morte clínica.
— Modificação do espírito por drogas e regulamentação dos desejos.
— Possibilidade de apagar-se a memória.
— Placenta artificial.
— Vírus sintéticos.

**Segunda fase daqui ao ano 2000:**

— Modificação do espírito e reconstrução da personalidade.
— Ordenamento da memória e reescrita da memória.
— Crianças "produzidas" artificialmente.
— Organismos completamente reconstruídos.
— Hibernação.
— Prolongamento da juventude.
— Animais reproduzidos por enxerto.

— Organismos monocelulares fabricados por síntese.
— Regeneração de órgãos.
— Hibridez homem-animal do tipo quimera.

**Terceira fase depois do ano 2000:**

— Supressão da velhice.
— Síntese de organismos vivos completos.
— Cérebros destacados do corpo.
— Associação entre o cérebro e o ordenador.
— Levantamentos e inserção de gens.
— Seres humanos reproduzidos por enxerto.
— Ligações entre cérebros.
— Hibridez homem-máquina.
— Imortalidade.

A primeira coisa que vem ao espírito ao ler tais previsões é: eles não ousarão. Mas, justamente a leitura da **Dupla Hélice** mostra que homens como Watson são capazes de tudo. O espírito prometeuano e faustiano que se encontra em certos personagens de que falei neste livro, e que foi abafado com maior ou menor sucesso, agora é posto à luz. E, sob o signo da dupla hélice, parte para a conquista do mundo.

J. B. S. Haldane escreveu: "O que não foi será e ninguém estará a salvo".

Os historiadores futuros julgarão, talvez, que mais que qualquer livro maldito dos que citamos aqui, a **Dupla Hélice** teria que ser censurada, teria que desaparecer, para evitar que o homem consiga poderes muito grandes para si. Talvez julgarão, ao contrário, que os Homens de Negro não tiveram a última palavra, que se pode retardar o progresso mas não impedi-lo, e que



o homem acabará por obter poderes superiores à condição humana, quaisquer que sejam as forças que se oponham.

A **Dupla Hélice** é um livro isento de considerações filosóficas ou morais. O autor é mais inteligente que os sábios vetustos que ridiculariza, mas não mostra nenhum senso de responsabilidade a respeito da humanidade. Enquanto a maior parte dos outros sábios estão, no fundo, de acordo para não se divulgar suas descobertas senão discretamente e num círculo restrito, Watson pensa apenas em torná-las públicas. Daí, a indignação que caiu sobre ele. Não esconde que procura, na ordem, o dinheiro, a glória, o poder. Mas, nessa procura, ele abre a todos os homens portas estonteantes.

Resta, evidentemente, saber se a humanidade poderia sobreviver às descobertas relacionadas e que decorrem todas, mais ou menos, da **Dupla Hélice.**

Pessoalmente, penso que ela poderá sobreviver a não importa o que, e que foi um erro fazer desaparecer os livros malditos já citados. Mas é uma opinião pessoal, por isso, discutível. Será interessante ver a evolução psicológica de Watson, e se o senso de sua responsabilidade com relação aos homens lhe chegaria com a idade. Hoje, é um jovem lobo de dentes longos, inspirado pelo espírito dos alquimistas e do Dr. Faustus.

O futuro igualmente nos dirá se Watson e seus colegas serão os últimos biologistas moleculares a trabalhar livremente, se seus sucessores não serão forçados ao maior segredo, e se as limitações severas não serão impostas à publicação de seus trabalhos.

O que quer que seja, o fim de nosso século não será desprovido de interesse.

## EPÍLOGO

A paranóia ou mania de perseguição é uma doença mental que ameaça a nós todos. Por isso, não seria muito prudente imaginar vastas conspirações que se estenderiam em toda a superfície do globo, ao longo de nossa História.

Entretanto, parece-me que se outras civilizações existiram antes da nossa e que foram destruídas por abusos dos poderes da ciência e da técnica, a lembrança delas e de sua morte podem inspirar uma conspiração que visaria evitar que tais catástrofes tornassem a reproduzir-se.

Uma ideologia dessa natureza pode, talvez, ser encontrada sem dificuldade nos escritos de Joseph de Maistre, de Saint-Yves d'Alveydre ou de René Guénon. Tal ideologia consiste em admitir a existência de uma Tradição mais antiga que a História, de centros detentores dessa tradição e poderosamente protegidos; para ela, a ciência, as técnicas e os conhecimentos de toda natureza constituem um perigo permanente.

É uma ideologia reacionária. Mas há exemplos suficientes, na História, de homens ou organizações no poder que sustentaram essas teorias, hiper-tradicionais, para imaginar que uma organização secreta as coloca em ação.

Manifestações aparentes dessa organização poderiam ser encontradas na Inquisição, no nazismo ou no lyssenquismo. Sobre este último ponto, é preciso ler o livro de Medvedev, **Grandeza e queda de Lissenko** (Gallimard-França). Livro maldito em seu próprio país, pois não somente está proibido de publicação como seu autor foi detido em 29 de maio de 1970 e internado em um hospital psiquiátrico apesar de estar completamente são de espírito. Foi libertado aos 18 de junho do mesmo ano, graças à ação conjugada de todos os sábios soviéticos. Isto se passa em nosso tempo, em 1970, e não no passado mais ou menos longínquo onde se situam a maior parte dos acontecimentos narrados neste livro. Como se vê, os Homens de Negro não são desprovidos de meios de ação.

O crime de Jaurès Medvedev, eminente biologista soviético, foi, segundo eles, denunciar o lyssenquismo. De que se trataria? T. D. Lyssenko, charlatão autodidata e fanático, apoiado por homens políticos, notadamente por Stalin, forjara com todas as peças uma falsa biologia e destruira a ciência genética na URSS. Impediu, notadamente, a descoberta na URSS da dupla hélice do ADN, da qual os russos estavam próximos. Os geneticistas soviéticos foram exterminados em campos de concentração. É uma sorte que algumas pessoas gostariam de reservar ao Padre Watson e a seus colegas.

Só recentemente foi que a genética soviética começou a renascer e que as vítimas de Lyssenko foram reabilitadas. Quanto a Lyssenko, está em liberdade e não tem aborrecimentos. No tempo de sua glória, o Coral do Estado soviético cantou esse hino em sua honra:

"Cante alegremente, meu acordeão,
Que eu canto com meu amigo,



A glória eterna do acadêmico Lyssenko
Mitchkourine abriu o caminho
Que ele seguiu com passos resolutos.
Graças a ele, não seremos mais
Crédulos mendelianos-morganistas."

Durante esse tempo, massacraram-se os geneticistas nos campos de Stalin.

Não saberia afirmar com certeza se Lyssenko faria parte de uma organização dos Homens de Negro. Em todo caso é um bom espécime. E estou convencido de que tal organização existe.

Atualmente, estou em vias de investigar uma manifestação relativamente recente do poder dessa organização, e se os resultados que obtive até agora não são completos e definitivos — sê-lo-ão algum dia? — pelo menos são interessantes.

Do fim de 1943 até o armistício de 8 de maio de 1945, houve na Itália uma república dirigida por Mussolini. A história secreta dessa república é bem menos conhecida do que a do III Reich. Mussolini, como Hitler, tinha à sua disposição conselheiros ocultos, mágicos negros. Sobreviveram e as leis sobre difamação impedem que seus nomes sejam citados.

Por ordem de dois deles, uma unidade especial fascista em 1.944, queimou 80.000 livros e manuscritos pertencentes à Sociedade Real do Saber de Nápoles. A operação tinha como fim impedir que documentos mágicos importantes caíssem em mãos aliadas.

Certos documentos eram antigos; outros, modernos, traziam pesquisas mágicas feitas ao tempo de Mussolini, e o que pude apreender sobre tais investigações, é suficientemente apaixonante para fazer-me lamentar a destruição da biblioteca e empenhar-me em encontrar

cópias. Uma dessas investigações é muito original e é este seu mérito, o que nesse campo é raro. Um mágico concentrou, com a ajuda de um telescópio sobre a água, a luz de uma estrela e obteve, assim, a água-Sirius, água-Vega, água-Antares, água-Aldebaran, etc. Cristalizou, em seguida, nessa água, substâncias particularmente sensíveis aos efeitos meteorológicos e cósmicos, como por exemplo o nitrato de urânio. E há outras.

Certos organismos científicos sérios estudam fenômenos desse gênero. Mas o mágico obteve resultados que não eram totalmente científicos. Sais cristalizados na água exposta à luz das estrelas formaram agrupamentos e esses agrupamentos, segundo os desenhos que vi, pareciam, singularmente, símbolos esotéricos das estrelas em questão.

Não me perguntem a explicação desse fenômeno, não a sei.

Parece que a biblioteca de Nápoles estava cheia de descobertas fantásticas desse tipo, antigas e modernas, havendo, ainda, manuscritos inéditos de Leonardo Da Vinci e documentos apreendidos a Aleister Crowley quando a polícia fascista destruiu sua abadia maldita em Cefalu, na Sicília.

Nesse dia de março de 1944, os Homens de Negro eram aliados dos camisas-negras. Tenebrosa aliança.

Evidentemente, todos os livros malditos não são mágicos ou científicos. Há também livros políticos, como o mostra esta divertida citação do "Pato Acorrentado", de quarta-feira, 7 de abril de 1971:

"Refugiado em Yammossokro, Côte-d'Ivoire, o antigo chefe de armas biafrense, Alexander Madiebo, vendeu, há algumas semanas, suas memórias. Memórias onde revela muitas coisas: a lista das armas fornecidas



pela França, os pontos de passagem, os nomes dos agentes de Foccart em contato com os biafrenses, etc.

"Isso se soube em Paris e não deu prazer a todo mundo, sobretudo num momento em que se discute com a Nigéria certos contratos petrolíferos que devem beneficiar a SAFRAP-ERAP, e acima de tudo para jazidas situadas em território ex-biafrense.

"Não houve nenhum prazer, mas a pena é livre, não? Então... Então não se pode impedir de notar uma estranha coincidência: uma equipe de cavalheiros tomou o avião para a Côte-d'Ivoire e foi fazer uma investigação completa na vila de Madiebo. Sua missão foi, é preciso dizê-lo, coroada de êxito, e o manuscrito maldito desapareceu. O golpe falhou: o General Madiebo possuía dele uma cópia que pusera a salvo num cofre-forte em Londres.

"É bem torpe, a desconfiança..."

Apesar de eu ter relações com o "Pato Acorrentado" esse artigo não é meu.

Mas gostei muito da expressão "manuscrito maldito" e estou persuadido que a destruição persiste em nossos dias, e especialmente no campo deste livro, muito mais do que se pensa.

# ÍNDICE

## OS HOMENS DE NEGRO E SUA CONSPIRAÇÃO CONTRA OS LIVROS MALDITOS

PARECE FANTÁSTICO IMAGINAR QUE EXISTE UMA SANTA ALIANÇA CONTRA O SABER, UMA ORGANIZAÇÃO PARA FAZER DESAPARECER CERTOS SEGREDOS. ENTRETANTO, TAL HIPÓTESE NÃO É MAIS FANTÁSTICA DO QUE A DA GRANDE CONSPIRAÇÃO NAZISTA. NEGRA, ATÉ QUE PONTO SEUS FILIADOS ERAM NUMEROSOS EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO, E ATÉ QUE PONTO ESSA CONSPIRAÇÃO ESTAVA PRÓXIMA DO ÊXITO.

É POR ISSO QUE NÃO PODEMOS REJEITAR, *A PRIORI*, A HIPÓTESE DE UMA CONSPIRAÇÃO MAIS ANTIGA.

O TEMA DO *LIVRO MALDITO*, QUE TEM SIDO SISTEMATICAMENTE DESTRUÍDO AO LONGO DA HISTÓRIA, SERVIU DE INSPIRAÇÃO A MUITOS ROMANCISTAS, H. P. LOVECRAFT, SAX ROHMER, EDGAR WALLACE. ENTRETANTO, ESSE TEMA NÃO É SOMENTE LITERÁRIO. ESSA DESTRUIÇÃO SISTEMÁTICA EXISTE EM TAL AMPLIDÃO, QUE SE PODE PERGUNTAR SE NÃO É UMA CONSPIRAÇÃO PERMANENTE QUE VISA IMPEDIR O SABER HUMANO DE DESENVOLVER-SE MAIS DEPRESSA.

JACQUES BERGIER, 1971

AUTOR DE

"O DESPERTAR DOS MÁGICOS"